



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo

**A (IN)VISIBILIDADE DOS POVOS CIGANOS NA MÍDIA
IMPRESSA BRASILEIRA**

Joaci Conceição Batista

Salvador
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo

A (IN)VISIBILIDADE DOS POVOS CIGANOS NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA

Joaci Conceição Batista

Trabalho de Conclusão de Curso
para obtenção do grau de bacharel
em Comunicação com habilitação
em Produção em Comunicação e
Cultura, pela Faculdade de
Comunicação da Universidade
Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando
Costa da Conceição

Salvador
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo

AGRADECIMENTOS

O trabalho que aqui se apresenta é fruto de anos de estudos, dedicação e muito desejo de mudanças. Mudanças e transformações que podem e devem melhorar a vida, mas principalmente, que devem servir para dar continuidade nesse aprender e ensinar que é a vida. Tenho muito a agradecer a meus orixás, as forças da natureza que guiam e equilibram o universo em torno de nós, que até aqui estiveram comigo, me norteando para viver a vida em sua plenitude. Minha mãe, Tonhebis, senhora Antônia Nascimento Conceição, que saiu de casa aos 15 anos, no Recôncavo Baiano fugindo para essa selva que Salvador já era lá nos anos de 1970. De repente veio parar no Rio Sena, onde nasci e me criei com muito orgulho. Seguindo os agradecimentos, minhas irmãs Aline e Alice que me aturam até hoje. E os aderentes, que sendo muitos não seria justo citá-los, pois acabaria esquecendo-se de alguns, ou faltando espaço... Já na academia meus votos de agradecimentos, vão para a professora Malu Fontes, que me deu uma generosa acolhida quando eu cheguei aquele mundo estranho que era, e é a Faculdade de Comunicação da UFBA. Outros docentes foram tão gentis ou mais (alguns nem tanto), mas nenhum foi tão presente e insistente em minha jornada acadêmica como o senhor Fernando Conceição, que me conquistou e me pôs de qualquer jeito como membro do Permanecer Milton Santos e orientou este trabalho. Daí vem os amigos, da faculdade e de fora, vou correr o risco de citar alguns: Michele Lopes, Núbia Santos, Caio Mateus, Loran Santos, Luís Píton, Jairo Santana, Fabiana Guia, Inajara Nunes, Susana Coelho, Danila de Jesus... Não posso deixar de agradecer a meu Pai de Santo Uilton de Ogun, que tão recente entrou em minha vida, de forma como se sempre tivesse presente. Valeu galera!



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo

RESUMO

Este trabalho tem como premissa a (in)visibilidade dos povos ciganos que vivem no Brasil pela mídia impressa nacional. Os dados foram colhidos durante a pesquisa Faces do Brasil entre outubro de 2010 e junho de 2012 e utiliza como metodologia a análise quantitativa e qualitativa, a chamada análise de conteúdo culminando no que chamamos aqui de invisibilidade dos povos ciganos que vivem no Brasil, uma população que, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, gira em torno de 800 mil a um milhão de pessoas que a sociedade ignora e a mídia contribui com essa ignorância, omitindo-se ou fingindo não vê-los. Entendendo que o jornalismo moderno tem deveres e obrigações para com a sociedade, entre elas a contribuição para a difusão da diversidade cultural e étnica, fazemos aqui uma crítica ao modo como os membros de comunidades ciganas brasileira tem sido retratados pela imprensa que insiste em generalizá-los em, especialmente nos casos relativos à violência e/ou estelionato, agiotagem.

Palavras-chave: Ciganos, Jornalismo, Análise de Conteúdo, Invisibilidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. OS POVOS CIGANOS NO BRASIL.....	08
2.1 Políticas públicas para os ciganos no Brasil.....	10
3. OS POVOS CIGANOS E A MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA.....	15
3.1 O jornalismo tradicional e o jornalismo cidadão.....	24
3.2 Critérios de noticiabilidade.....	26
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	21
4.1 A Pesquisa Faces do Brasil.....	21
4.1.1 Objetivos do monitoramento da mídia impressa.....	20
4.1.2 Metodologia da Pesquisa Faces do Brasil.....	21
4.1.3 Metodologia de Monitoramento.....	22
4.2 Análise de Conteúdo.....	23
5. A INVISIBILIDADE DOS CIGANOS NA MÍDIA IMPRESSA NACIONAL.....	28
5.1 Ação do MPF contra discriminação em dicionário.....	30
5.2 Atos de violência x ciganos.....	33
5.3 Dia nacional do cigano.....	42
5.4 5.3 Resumo da análise dos veículos.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
8. Anexo.....	59
8.1 Gráficos Sphinxs.....	59

1. INTRODUÇÃO

Qual o papel da imprensa no século XXI? Hoje, mais do que nunca se discute o compromisso social que a mídia tem com a sociedade e quais as consequências que uma opinião equivocada pode causar na opinião pública. A historiografia do jornalismo brasileiro está cheia de casos em que a divulgação de informações de forma precipitadas pela imprensa culminou em tragédias familiares, sociais ou econômicas, sendo o mais citado o caso da Escola Base em São Paulo¹. O Brasil vive uma democracia que tem de 30 anos e ainda se discute qual a função da imprensa na esfera pública.

O trabalho que segue, objetiva discutir a (in)visibilidade dos povos ciganos na mídia impressa brasileira e o papel que a mídia tem na construção e manutenção de estereótipos relacionados com estes povos, tendo como recorte o período compreendido entre outubro de 2010 e junho de 2012, período da pesquisa Faces do Brasil. Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de monitoramento de mídia impressa Faces do Brasil, que durante 19 meses fez o levantamento da cobertura dos veículos impressos destinada as minorias étnicas nesse país, a saber, negros, índios e ciganos.

A pesquisa teve a coordenação geral do professor Fernando Conceição, e o apoio financeiro da Fundação Ford, com suporte da Organização não governamental – ONG Omidu e do Centro de Práticas e Estudos de Diversidades Culturais – Afirme-se. Foram 639 edições de jornais impressos lidas diariamente por uma equipe de bolsistas, composta por alunos da Faculdade de Comunicação da UFBA. O corpus da pesquisa constitui-se de 17 jornais diários e seis revistas, sendo que duas tem circulação mensal e quatro circulação semanal.

Desde início do acompanhamento dos jornais, percebeu-se a (in)visibilidade ou a falta de representação dos povos ciganos nas páginas dos jornais que circulam no país. A pesquisa trabalhou com jornais de todas as cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

¹ Escola Base foi uma escola particular de São Paulo, fechada em 1994 quando seus proprietários, sócios e uma professora foram injustamente acusados de abuso sexual contra alguns alunos de quatro anos.

Esta percepção perdurou até o fim do monitoramento o que despertou o interesse por um trabalho que procurasse entender estas percepções e outras decorrentes do monitoramento.

Vamos discutir e conhecer quem são os ciganos que vivem no Brasil, de onde eles vieram e quais as políticas públicas direcionada para esses povos. Tendo como base os estudos de ciganólogos, entre eles Frans Moonen e Rodrigo Correa Teixeira. Os povos ciganos carregam consigo desde que aqui chegaram estereótipos que trouxeram da Europa e que aqui se agregaram.

Logo em seguida vamos discutir as condições em que os povos ciganos aparecem na mídia impressa brasileira, a luz dos estudos de Correia (2009) sobre as novas configurações do jornalismo e os critérios de noticiabilidade que norteiam o agendamento na esfera midiática.

No capítulo adiante apresentaremos os métodos utilizados para a análise que se segue, destacando a pesquisa Faces do Brasil, que é o grande guarda-chuva da qual esse trabalho tem origem. O contributo da Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, com pequenas contribuições da teoria de Bauer.

Seguiremos com a análise dos textos encontrados durante a pesquisa Faces do Brasil. Foram localizados 37 textos com alguma referência a etnia cigana, no entanto não serão trabalhados todos esses textos aqui, devido a falta de conteúdo para a operação de análise, pois tratavam não exclusivamente dos povos ciganos, inclusos os negros e os indígenas no tema central do texto.

Por questão de método, resolvemos nos debruçar sobre os textos cuja temática estivesse focada nos povos ciganos, o que reduzem o nosso corpus para 23 textos, apesar do longo período de monitoramento e do número de edições diárias analisadas. Esses textos foram publicados em seis jornais (A Tarde e Correio* de Salvador – BA, A Gazeta de Vitória -ES, Folha do Estado de Cuiabá –MT, O Globo do Rio de Janeiro –RJ e Zero Hora de Porto Alegre -RS) e uma revista semanal (Revista Época).

2. OS POVOS CIGANOS NO BRASIL

Chegados ao Brasil em 1574 (Moonen 2012), os povos ciganos até hoje são desconhecidos da sociedade brasileira. A própria definição do que vem a ser cigano ainda é muito confusa. Segundo os ciganólogos, o termo é usado de forma pejorativa desde o século XV quando surgiu pela primeira vez em A Farsa de uma Cigana, de Gil Vicente. A origem dos ciganos é atribuída à Grécia, primeiro e depois ao Egito, passando pela Turquia e Índia.

As definições do que vem a ser cigano foi se modificando ao longo dos séculos, no entanto manteve-se o teor estereotipado e pejorativo da palavra. Cigano, a palavra, sempre esteve associada aos termos vagabundo, ladrão, trambiqueiro. Moonen em seu estudo sobre o anticiganismo em 2012 fala dessas imagens. Ao falar sobre a imagem do cigano ele ladrão, ele lembra que este é o estereotipo mais divulgado e mais difícil de ser dissociada do termo cigano. Os ciganos, eles próprios admitem, de acordo com Moonen “furtava pequenas quantidades de animais, frutas, legumes ou tubérculos, ou lenha para cozinhar e se aquecer”. O autor deixa claro que isso só aconteciam em momentos de necessidade, há até um autor belga que explica, o que ele chama de ladroagem de subsistência:

“Por força de circunstâncias adversas, alguns ciganos são forçados a praticarem ladroagem de subsistência [*subsistence thieving*] - isto é, obter suas necessidades diárias mínimas da terra ou de seus proprietários legais: capim para seus cavalos, lenha, batatas ou frutas, e naturalmente a proverbial galinha perdida. De um modo geral, eles consideram todo o mundo gajo [não-cigano] como um domínio público” (Yoors 1987 Apud Moonen 2012)

Outras associações estão ligadas aos diversos meios de sobreviver encontrados por estes povos, pois como viviam por um curto período em determinadas regiões, a cada nova cidade em que acampavam, procuravam um meio de ganhar dinheiro, seja ludibriando as pessoas com supostos poderes de adivinhação, ou mesmo roubando objetos para revendê-los. Este trabalho não vai entrar no mérito dessa questão, sobre a capacidade das ciganas em ler a sorte das pessoas através das linhas das mãos, o único objetivo aqui é ilustrar como isso contribuiu na estereotipação dos ciganos como trambiqueiros.

No Minidicionário da Língua Portuguesa, distribuído pelo Ministério da Educação, a partir dos anos 2000, o termo cigano é definido como, “Indivíduo de povo nômade espalhado pelo mundo, que vive de artesanato e da quiromancia, e que tem tradições e códigos de ética peculiares”. Outro míni dicionário da Língua Portuguesa, o Houaiss, define cigano da seguinte forma:

adj.s.m **1** (Individuo) dos ciganos, povo que emigrou da Índia para todo o mundo, com talento para a musica e a magia; zíngaro **2** p.ext. fig. que (m) tem vida incerta e errante; boêmio **3** p. ext. fig. que (m) trapaceia; velhaco Col. bando, cabilda, ciganada, gitanaria ciganear.

Percebem-se as semelhanças e diferenças entre as definições da palavra cigano nos dois minidicionários, no primeiro que tem distribuição gratuita através do MEC para alunos do ensino básico tem uma definição menos estereotipada, apesar de guardar em si um tom jocoso ao se utilizar da expressão como um código de ética próprio. O segundo mais comercial, e que se intitula como o mais completo da língua portuguesa, traz uma definição carregada de estereótipos, como trapaceiro, velhaco. A afirmação de que os ciganos saíram da Índia para o mundo pode ser interpretada como equivocada e precipitada, da forma que se encontra, pois os estudiosos são sempre muito cuidadosos em fazer afirmações dessa natureza, pois não há consenso quanto a real origem desses povos, no entanto essa é a versão mais praticada pelos ciganólogos.

Para Teixeira (2012), cigano pode ser definido como um conjunto de comunidades dispersas pelas mais diversas regiões do Brasil. Ele ainda afirma que esses povos tem origem incerta, estudos indicam que seriam originários da Grécia, da Turquia, do Egito ou mesmo do subcontinente indiano. Moonen fala da origem dos povos ciganos como sendo indiana, de acordo com uma descoberta do século XVIII, feita pelos linguistas que sempre criticaram a suposta origem egípcia da língua falada pelos ciganos. Em 1753 um estudante húngaro percebeu traços semelhantes entre a língua cigana e a língua de indianos que estudavam na universidade, a partir de então se deu início ao estudo que constatou a semelhança entre palavras ciganas e palavras hindi, de origem sânscrita. A partir de então ficou como certa a origem indiana dos ciganos, mas ainda há contestação nesta afirmação, pois as provas linguísticas não são suficientes para determinação da origem racial e étnica dos povos ciganos.

Podemos afirmar a origem dos ciganos que vivem no Brasil, esses já vieram pra cá após o início da colonização do país a partir do século XVI, voluntária ou compulsoriamente vindos da região ibérica, e no século XIX com o processo de migração de povos europeus entre italianos, alemães, russos e espanhóis (Teixeira, 2012).

2.1 Políticas públicas para os ciganos do Brasil

No Brasil hoje ainda é difícil saber quem são os ciganos que habitam o país e o número exato desses povos. Em 2012, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS publicou o Guia de Cadastramento de Grupos Populacionais Tradicionais e Específicos com o objetivo de orientar os gestores municipais do Cadastro Único e do Programa Bolsa Família na identificação e no correto cadastramento de 13 diferentes grupos familiares no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal.

Nessa publicação os ciganos são identificados como sendo aquele que é filho de cigano, vive em comunidade e participa de sua cultura. Para o Estado Brasileiro, o cigano tem como principal ponto de identidade a hereditariedade, com vínculos familiares entre os membros do grupo e que se organizem em torno de um núcleo familiar ou uma comunidade. O Guia ainda fala que ‘quase todos os povos ciganos compartilham o sentimento de não pertencer a um único lugar e dão valor à liberdade de deslocamento’ (Guia dos Povos MDS, 2012).

O Guia dos Povos reconhece e identifica três grupos em que se dividem os ciganos que vivem no Brasil e as formas como vivem no território nacional. O termo cigano agrega os povos:

1. **Calon ou Kalé** – Primeiros a chegar ao Brasil, no Século XVI, deportados de Portugal. Conhecidos por “ciganos ibéricos”, eles são os criadores do Flamenco e responsáveis pela popularização da dança cigana. Os Calons falam a língua caló ou shibkalé;
2. **Rom** – Os Rom vieram do Leste Europeu para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Eles falam romani ou romanês, a mais conhecida das línguas ciganas. Eles se dividem em diversos subgrupos: kalderash, matchuaia, curcira, entre outros;

3. *Sinti* – Também chamados de Manouch, estes ciganos são mais numerosos na Itália, no sul da França e na Alemanha. Os Sinti falam a língua sintó, uma variação do romani. No Brasil, a população Sinti é pouco expressiva em relação aos outros grupos.

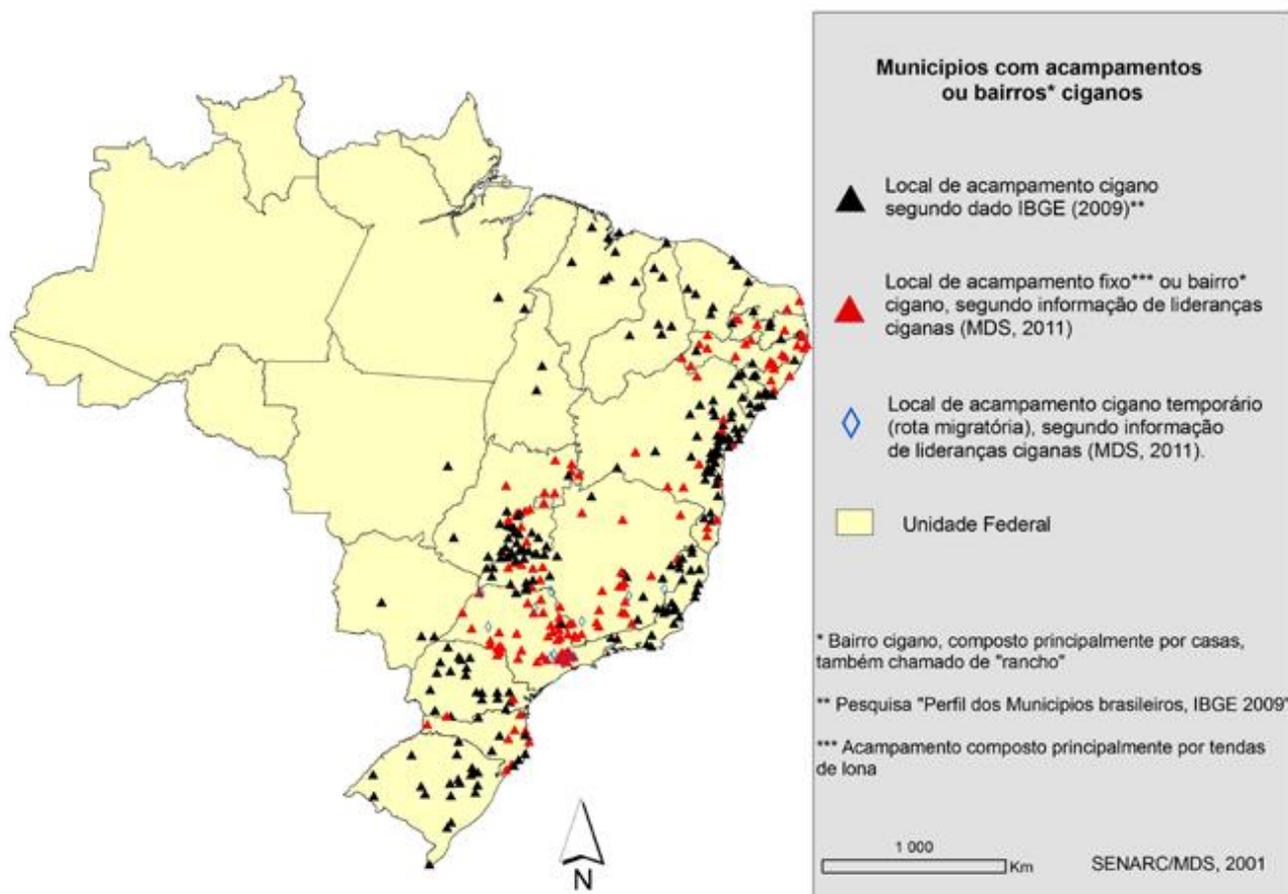
Quanto à forma como se organizam são classificados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome como:

- Nômades – Aqueles que se muda de maneira frequente. Geralmente vivem em tendas de lona, muitas vezes sem energia e água potável;
- Seminômades – Aqueles que se deslocam com alguma regularidade, mas têm uma moradia fixa, podendo ser uma tenda (em acampamento) ou uma casa de alvenaria (em “rancho”);
- Sedentários – Aqueles que não se deslocam com frequência e têm residência fixa.

Mesmo com essa política de reconhecimento e inclusão das famílias ciganos no país o Estado Brasileiro ainda se mostra bastante ineficiente em relação ao reconhecimento dos povos ciganos como parte do povo brasileiro. Até hoje se fala num país miscigenado, composto por um povo fruto da mistura entre negros, índios e europeus.

Segundo estimativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR, os ciganos estão espalhados por todo o território brasileiro e a população estaria entre 800 mil e um milhão de indivíduos. Veja na figura abaixo como se distribui no território nacional de acordo com o Guia de Cadastramento de Grupos Populacionais Tradicionais e Específicos do MDS:

Figura 1 – Municípios com presença cigana²



Moonen (2012), um grande estudioso dos povos ciganos no Brasil, fala da dificuldade de se estudar este tema no país, pois,

(...) a bibliografia sobre ciganos no Brasil é muito reduzida por causa da quase inexistência de antropólogos e outros cientistas que realizaram pesquisa sobre os ciganos brasileiros. Não existe um órgão governamental para tratar especificamente dos assuntos ciganos; nenhuma lei lhes dá proteção especial; na Constituição Federal nem sequer são mencionados. Somente a partir de 1994 os ciganos passaram a ser citados também em documentos governamentais. Desconhecemos a existência de organizações não-governamentais pró-ciganas no Brasil. O Movimento Cigano está ensaiando seus primeiros passos: existem várias organizações ciganas mas apenas com atuação local ou regional, e nenhuma que representa todos os ciganos

² Mapa elaborado por Ludivine Eloy Costa Pereira por meio de pesquisa documental (IBGE, 2009) e entrevistas com lideranças ciganas em diferentes estados (dez 2011).

brasileiros. Somente em 2006 o governo instituiu o dia 24 de maio como o Dia Nacional do Cigano. Sem exagero algum, pode-se afirmar que os ciganos constituem a minoria étnica menos conhecida, e talvez por isso mais odiada e discriminada do Brasil. (Moonen, 2012)

E finaliza dizendo que “A produção ciganológica existente é insuficiente para alguém escrever um tratado sobre a situação dos ciganos brasileiros na atualidade”. Os povos ciganos brasileiros enfrentam diversos problemas que, apesar de garantidos pela Constituição de 1988 para todo cidadão brasileiro, não são exclusividade deles. Problemas relativos à educação dos seus filhos, pois como alguns grupos vivem de maneira nômade haveria a dificuldade em manter o estudo das crianças e adolescente durante as mudanças de acampamentos; a saúde, principalmente da mulher cigana, que necessitaria de atendimento ginecológico específico (médica mulher) para evitar constrangimentos dentro das comunidades.

Para Moonen, apesar dos esforços do Governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em promover as políticas pró-ciganas no país, os povos ciganos as desconhecem até hoje, na prática.

Políticas pró-ciganas não são necessariamente também políticas para combater o anticiganismo. No Brasil, o anticiganismo existe, mas o governo parece não ver. Daí porque não existem políticas específicas para combater o anticiganismo. (Moonen, 2012)

As políticas públicas para os povos ciganos que vivem no Brasil ainda é muito tímida, em 27 de dezembro de 2004 por meio de decreto o governo brasileiro, por meio do Ministério do Meio Ambiente e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome a partir da, instituiu a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, que está organizado a princípio com representantes de 7 órgãos da administração pública federal, a quem compete buscar estabelecer uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável para as denominadas, Comunidades Tradicionais, e que vêm desenvolvendo ações visando a consolidação de uma Política Nacional voltada para desenvolvimento sustentável das Comunidades Tradicionais e minorias étnicas brasileiras, assim compreendidos, entre outros, os ribeirinhos, pantaneiros, caiçaras, indígenas, quilombolas, faxinalenses, geraizeiros, seringueiros, quebradeiras de coco de babaçu, e os ciganos.

O Ministério da Cultura recentemente redefiniu suas ações, onde como medida prática, instituiu através da Portaria Ministerial nº 2 de 17/01.2006, alguns grupos de trabalho que têm como finalidade indicar políticas públicas para diferentes grupos identitários do Brasil dentre eles os ciganos. O GT Ciganos é composto por representantes de alguns grupos ciganos e representantes do Governo, podendo participar também, pesquisadores, estudiosos e interessados por essa cultura.

3. O JORNALISMO E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS

O jornalismo moderno vem passando por profundas mudanças que o transformarão em algo totalmente diferente do que ele é hoje, talvez, cumprindo mais efetivamente o papel de agente comprometido com o bem estar na sociedade. A promessa do jornalismo como um agente social de mudanças e transformação da sociedade moderna capitalista não foi totalmente cumprida e com a chegada das novas tecnologias, e o avanço das redes sociais na internet, o jornalismo começa a perder terreno para o que temos chamado de jornalismo cidadão ou participativo.

Correia (2011) assinala para uma pluralidade de funções atribuídas ao jornalismo em função das várias teorias disponíveis, os marxistas clássicos, diriam que os jornais são propriedade da classe burguesa e agem no interesse desta classe, promovendo uma falsa consciência da classe trabalhadora e dificultando a produção de informação alternativa aquela que é fornecida pelos grupos sociais (classes) dominantes. Já os funcionalistas, com ênfase ao equilíbrio e à coesão social, classificariam as funções dos jornais em relação a) a busca da integração e cooperação; b) a manutenção da ordem, controle e estabilidade; c) adaptação à mudança; d) mobilização em torno de objetivos sociais comuns; e) gestão da tensão e f) continuidade da cultura e valores.

A crise no jornalismo impresso é a mais duradoura e cruel de todos os veículos da imprensa tradicional. Mas não podemos deixar de reconhecer que o pouco investimento em mudanças que a grande mídia brasileira tem feito no conteúdo é parte fundamental nessa crise que temos passado nos últimos tempos. E o jornalismo impresso é o mais sensível às mudanças de todos os meios tradicionais, por ser muito caro e o que mais perde capital, financeiro e receptor.

Um dos fatores que tem contribuído muito nesse sentido é o modo como tem reagido às transformações nos modos de interação entre a notícia e a audiência nessa nova era. O jornalismo impresso é o meio de comunicação mais antigo. Tendo surgido como jornalismo de ativismo, partidário defensor de ideias revolucionárias, sempre teve um papel importante na luta pelas mudanças na sociedade. Sempre estiveram na vanguarda dos movimentos sociais nos anseios por mudanças e transformações sociais.

No Brasil, passou por momentos difíceis durante o período da ditadura militar de 1968, talvez tenha sido o mais censurado meio de comunicação á época, redações foram fechadas, invadidas pela censura e, no entanto resistiram.

A historiografia dos meios tem sido marcada pelo processo de substituição das tecnologias. Veio o jornal impresso, depois o rádio que todos achavam que substituiria o papel, mas não foi o que aconteceu. Com a chegada da televisão deu-se o mesmo processo, todos apostavam na televisão como o veículo que substituiria todos os anteriores, além de ouvir a notícia era possível vê-la, e tanto o rádio, como o jornal resistiram até hoje. A popularização da internet e a explosão dos blogs de notícias tem feito crer que estamos cada vez mais próximo do fim da era da hegemonia do papel.

O jornalismo impresso resiste com uma função social e simbólica muito importante, com o advento de novos veículos ele foi se reconfigurando e se adequando, para se tornar um aliado do novo que chegava ao invés de competir. As mudanças no conteúdo foram as mais expressivas e contundentes. Se com o advento do rádio e da televisão, o impresso sentiu a necessidade de cada vez mais ser mais contextualizado, e esclarecedor para a recepção, com a internet esse papel se ampliou com a adição do fator interpretativo.

O jornalismo contemporâneo é produto e causa de uma época em que o tempo se tornou um bem mais escasso. Nasceu desse tempo que também ajudou a criar. No passado foi com os comboios e o cinema. Hoje isso ocorre com os aviões de baixo custo, a televisão e a Internet, fatores decisivos na contração do mundo. Por isso, hoje pode falar-se de uma espécie de cultura do presente contínuo no qual se omite a relação orgânica com o passado público da época que vivemos.

Os jornais impressos que tem o tempo contra si, pois as publicações estão sempre atrasadas em relação ao fato, a notícia em si, agora teriam a função de nortear a recepção e guiá-la nesse emaranhado de notícias que o mundo virtual é para as pessoas. É tanta informação disponível, como filtrar o que é importante e que de fato interessa? O jornal impresso toma pra si essa função social, de importante gatekeeper social. Mais para assumir tal papel é necessário investir no conteúdo e contar com a ajuda da criatividade.

3.2 Critérios de noticiabilidade

O que define o que deve ser estampado na capa de um jornal ou de uma revista, diante de inúmeros fatos que acontecem diariamente nesse emaranhado que se transformou a sociedade contemporânea? Ainda que não seja uma resposta direta e objetiva, como postula o jornalismo, há uma gama de fatores, que a literatura denomina como critérios de noticiabilidade, para definir o que vai ou não estampar as páginas dos jornais.

Traquina (2005) os define como o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto é suscetível de se tornar notícia, sendo assim haveria uma certa previsibilidade do noticiário geral. Os critérios apresentados pelos estudiosos não objetivos o bastante para definir e responder de que modo certos acontecimentos viram notícia e tantos outros sequer merecem nota no noticiário.

Varjão (2008) considera esses tais critérios tão subjetivos que nem mesmo os teóricos da comunicação conseguem chegar numa teoria adequada a todas as situações. Essas subjetividades presentes na valoração das notícias jornalísticas estão a mercê de questões ligadas ao dia-a-dia do fazer jornalístico, em muitos casos sendo considerada a rotina a teorias fruto de reflexões ético-filosóficas.

Estudiosos, a exemplo de Galtung e Ruge, listam 12 critérios que devem ser levados em conta na definição dos acontecimentos a terem mais destaques na ordem do dia:

- Frequência – A frequência respeita à existência de uma espécie de sintonia entre a frequência do acontecimento e a periodicidade jornalística. É possível publicar um assassinato que se dá entre duas edições de um jornal, mas não é possível dar conta de uma morte específica que se desenvolve durante uma batalha em que há, pelo menos, um morto em cada minuto, tal como não é possível descrever minuciosamente a construção de uma barragem.
- Amplitude – Critério que se refere à dimensão e intensidade de um acontecimento. Assim, quanto maior a amplitude de um acontecimento, mais provável será a sua divulgação.
- Clareza (ou falta de ambiguidade) – O acontecimento a noticiar terá de ser unidimensional, apenas com um significado. Quanto menos dúvidas houver em

relação ao significado de um acontecimento, maiores são as probabilidades de ser noticiado. Quanto mais claro e inequívoco for o sinal, mais provável a audição dessa frequência. Para usar o termo associado à rádio, quanto menor o ruído mas audível se tornará o sinal.

- **Significância** (de proximidade e relevância) – Critério que resulta da junção de duas interpretações: proximidade e relevância. O acontecimento terá mais impacto quanto maior for a proximidade cultural com a audiência e tem de ser relevante. Quanto mais significativo for o sinal, mais provável será a audição dessa frequência. O termo «significativo» associa-se à ideia de ser interpretável dentro da estrutura de significados do ouvinte, remetendo para uma certa proximidade cultural.
- **Consonância** – A capacidade de inserir uma “nova” acção numa “velha definição. Quanto mais consonante for o sinal com a imagem mental do que se espera encontrar, mais provável será a audição dessa frequência. O valor notícia da consonância está ligado com uma pré-imagem mental. Os acontecimentos que se desviarem muito das expectativas existentes não serão registrados.
- **Inesperado** – Dentro do conjunto dos acontecimentos candidatos a notícia o mais inesperado tem maior probabilidade de ser escolhido. O carácter inesperado do acontecimento é um critério que parece corrigir os restantes. É o inesperado dentro dos limites do significativo e do consonante.
- **Continuidade** – Logo que algum acontecimento atinja os cabeçalhos e seja definido como notícia, então continuará a ser definido como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida.
- **Composição** – Os acontecimentos são escolhidas de modo a constituir um todo equilibrado. Quanto mais um sinal for sintonizado, mais valerá a pena sintonizar um sinal de tipo diferente da próxima vez. No fundo, se houver um número muito elevado de notícias do estrangeiro, o valor de noticiabilidade de notícias domésticas será mais elevado.

Estes oito valores tendem a variar independentes da cultura em que se verificam, há outros fatores que influenciam na transição dos acontecimentos para as notícias e que são culturalmente determinados.

- Referência a nações de elite – Quanto mais um acontecimento diga respeito às nações de elite mais existe a possibilidade de ser representado.
- Referência a pessoas de elite – Valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento enquanto pessoa de elite, uma vez que as ações de elite são geralmente mais importantes do que as atividades dos outros.
- Personificação – As notícias têm tendência para apresentar os acontecimentos como protagonizados por um sujeito, uma determinada pessoa ou coletividade composta por algumas pessoas, e o acontecimento é então visto como uma consequência da ação dessas pessoas.
- Negatividade – As más notícias tendem a ter mais impacto perante a audiência. Quanto mais negativo for o acontecimento, mais provável a sua transformação em notícia.

Essa lista dos valores notícia proposta por Galtung e Ruge sofrem algumas variações, mais em tese mantem-se o mesmo raciocínio teórico, embora, com efeito, a ideologia partilhada pelos jornalistas refere muitas vezes o chamado “interesse jornalístico”, “interesse noticioso” ou “noticiabilidade”, que vão prevalecer na hora de decidir o que deve estampar as páginas do jornal, no caso do impresso, como na hora de hierarquizar as notícias.

Esses critérios são classificados por Traquina (2005) como de construção, ou seja, aqueles aos quais os jornalistas recorrem para estruturar as narrativas noticiosas. São valores, portanto, vinculados não à eleição do acontecimento a ser relatado, mas ao modo de relatar este acontecimento, o que se pode relacionar ao estilo, na linguagem escrita. Varjão (2008) recupera os critérios de Traquina, resumindo-os:

- Simplificação (escrita clara, sem ambigüidades, recorrendo, muitas vezes, a clichês e estereótipos);
- Amplificação (segue a lógica de que quanto mais ampliada, ou exagerada, mais a notícia é consumida);
- Relevância (na perspectiva de demonstrar ao leitor que a notícia tem significado para ele, que o afeta de alguma maneira);
- Personalização (segue o princípio de que “as pessoas se interessam por outras pessoas”);
- Consonância (inserção de novidade dentro de contexto conhecido);

- Dramatização (reforço do lado emocional, recorrendo ao melodrama, à sensação).

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 A Pesquisa Faces do Brasil

Apesar do avanço das novas mídias, o papel do jornal não se tornou obsoleto ainda. Mesmo na iminência do fim do jornal impresso, os números do Índice de Verificação de Circulação – IVC vêm registrando aumento na circulação dos jornais impressos brasileiro desde 2011. O aumento foi de 3,5% no número de jornais vendidos no país em relação ao ano de 2010, e em 2012 esse aumento foi de 1,8%, em conjunto com o avanço das edições digitais desses periódicos. Foi registrado também um avanço no número de assinaturas e vendas avulsas estabilizadas de 3,4%. Pode parecer e é um avanço insignificante, mas ainda assim é um dos melhores cenários mundiais em relação à mídia impressa.

No intuito de conhecer e verificar a realidade destas minorias são monitorados, desde outubro de 2010, 23 veículos que circulam pelas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, sendo 17 jornais e seis revistas. A metodologia de pesquisa usada na clipagem dos veículos é baseada no *Manual D. Antônia de Clipagem, Inserção e Classificação - 2005*³, entretanto as necessidades específicas da área de pesquisa ora trabalhada exige o desenvolvimento de critérios exclusivos. Racismo e identidade ganham denominações das mais diversas. Alguns vão chamar de “consequências da modernidade, fenômenos que se renovam, se reestruturam e mudam de fisionomia de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses de classes” (Munanga, 1996). Se no passado os negros, indígenas e ciganos eram representados somente nas páginas de cultura e/ou policial, hoje, já é possível perceber um leve movimento de mudança de representação destes na produção jornalística.

O projeto da pesquisa *Faces do Brasil* foi escrito chamando atenção para as mudanças de cunho institucional que a sociedade brasileira tem vivenciando nos últimos anos. Em suas páginas, está dito:

³ Manual tem este nome, fazendo referência a uma funcionária da ANDI.

“Como, desde a democratização do país sacramentada pelo fim da última ditadura militar em 1985, tem crescido a discussão sobre racismo, exclusão e miséria de grandes contingentes classificados demograficamente como não-brancos, a sociedade em geral tem proporcionado a construção de um ambiente político que, nos últimos anos, tem gerado ganhos na luta pela superação da discriminação racial”. (Projeto de Pesquisa Faces do Brasil, 2010)

No entanto, o que se percebe é que tal avanço não se configura no campo midiático, no qual persiste, conforme aponta o projeto, “uma visão negativamente estereotipada sobre os afrodescendentes e outros grupos sociais etnicamente discriminados”. Parte-se de um possível não acompanhamento da mídia em relação às mudanças que têm acontecido na vida social, no que tange às etnias, visto que a representação do negro na mídia, por exemplo, ainda corresponde ao imaginário erguido ao longo da história.

4.1.1 Objetivos do monitoramento da mídia impressa

Entre os objetivos da Pesquisa Faces do Brasil destacamos:

- Verificar o tratamento editorial dado, a partir de leituras, clipagens e análise do material publicado, por aqueles veículos, nos temas que se referem aos grupos sociais historicamente discriminados (negros, índios, ciganos) que estarão (ou não) em debate. O material colhido está sendo analisado a partir de bases científicas.
- Subsidiar, com os resultados obtidos, o discurso daqueles que, no Brasil, empenham-se na luta pela construção de uma sociedade mais justa, democrática e representativa da diversidade étnica nela existente – sejam indivíduos, organizações da sociedade civil e instituições governamentais.
- Interferir no debate acadêmico, principalmente no tocante à necessidade de inclusão nos currículos dos cursos de Comunicação/Jornalismo de conteúdo curricular que contemple a relação entre mídia e racismo.
- Estimular e promover o debate entre a academia, o público consumidor de produtos midiáticos e os produtores de conteúdo e proprietários dos veículos e empresas de comunicação

4.1.2 Metodologia da Pesquisa Faces do Brasil

O arcabouço teórico da presente pesquisa é composto pela contribuição dada pelos estudos clássicos e modernos de teoria crítica da comunicação. Assim como as ferramentas analíticas da análise do discurso, de textos sobre multiculturalismo, de autores envolvidos com o debate sobre a nova fase da globalização econômico-tecno-cultural, de estudos sobre relações étnico-raciais e mídia em sociedade como a brasileira.

Na base da pesquisa está o Estatuto da Igualdade Racial, em vigor no Brasil a partir de outubro de 2010, e toda a legislação e jurisprudência de promoção de políticas de ação afirmativa para grupos étnicos historicamente discriminados, como índios, negros e ciganos.

A escolha da base teórica é sempre uma opção paradigmática, entre várias outras possíveis. Aqui optou-se pela multidisciplinaridade, estando abertos à contribuições científicas de diversas áreas do conhecimento, não somente a Comunicação. Demais ciências, humanas e naturais – como a matemática, estatística, economia, história, linguística, política, antropologia – devem acrescentar à pesquisa elementos de compreensão da realidade. Em vez de restringirmos o campo de atuação a uma especialização fechada, adota-se uma postura menos ortodoxa de investigação.

Partindo desse substrato, a coleta de material é feita por fichamento de textos, peças comunicacionais; por aplicação de questionários junto a representantes do universo da pesquisa; por entrevistas diretas com tais fontes; por observação e trocas discursivas. A essência teórica servirá como baliza norteadora da análise dos dados e das possíveis proposições contributivas que daí advirão.

Um banco de dados, formado pelos objetos e elementos colhidos e selecionados durante a investigação, será posto à disposição da comunidade acadêmica e da sociedade em geral que se interesse pela temática. Práticas de leituras em grupo, laboratórios de análises do material, assim como o estímulo à produção e publicação de textos de discentes e demais parceiros, são também instrumentos de aprendizagem e desenvolvimento científico a serem por nós utilizados.

A literatura estrangeira, principalmente a produzida na América Latina, mas sem dispensar o que se discute nos Estados Unidos, na África do Sul e mesmo países europeus (com recorte na temática das relações sócio racial), complementa as leituras que formam o arcabouço teórico da pesquisa.

Calcada no Etnomídia – um dos grupos de estudos acadêmicos mantido na faculdade de Comunicação no âmbito da Universidade Federal da Bahia -, a pesquisa deverá contar com a participação de colaboradores. Integrantes do referido grupo, sejam orientandos de pós-graduação, sejam orientandos de graduação, serão convidados a participar de nossas atividades, debatendo os rumos do trabalho. Uma equipe de bolsistas composta por estudantes da área foi montada para nos auxiliar na pesquisa.

4.1.3 Metodologia de Monitoramento

Um corpus de pesquisa formado a partir de assinatura e recebimento de exemplares físicos de jornais e revistas de todo o Brasil é a base material sobre a qual a equipe de pesquisadores sêniores, júniores e de iniciação científica trabalha. É feita a leitura cuidadosa diária dos veículos. Identificados os textos que se enquadram nos parâmetros definidos pela pesquisa, procede-se a clipagem – técnica de seleção e armazenamento de material de mídia.

Cada texto sofreu um “mergulho” analítico inicial, de acordo com um vocabulário de termos de referência (TdR) anteriormente construído. É utilizado o programa Sphinx na criação dos questionários da pesquisa. Este, ainda para o tratamento dos dados coletados.

A pesquisa Faces do Brasil iniciou no Brasil um trabalho de monitoramento diário de mídia impressa, com leituras e discussões em torno do alcance da cobertura da imprensa quando se tratam da questão das diversidades étnicas, especialmente os indígenas e os povos ciganos. Entender como a mídia passou a trabalhar questões levantadas no Estatuto da Igualdade Racial, como a implementação da disciplina história da África no ensino básico e as cotas. Como tem lidado com a questão dos direitos humanos, de respeito as diversidade cultural.

4.2 Análise de Conteúdo

A Análise de Conteúdo - AC é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação a AC procura definir e inventariar os átomos da cultura; coloca-se mais ao nível de uma estatística que de uma dinâmica da cultura. O seu objetivo específico será captar na torrente das mensagens saídas de uma sociedade humana — ou dos indivíduos —, transmitidas ou conservadas pelos *mass-media*, certa quantidade de elementos suficientemente constantes, evidentes e homogêneos para se estabelecer um inventário (Bardin, 2009).

Cada um dos elementos encontrará, pois, ligado a um índice de frequência ou de importância e colocado numa ordenação, segundo uma lei, tornando-se acessível, pelo menos em princípio, ao observador — ao sociólogo da cultura a AC, teve seu auge no período da segunda guerra, quando os ingleses começaram a prever o próximo passo dos inimigos, através das informações publicadas. O caráter político e militar de um lado contribui para a evolução dos estudos, foram provadas as utilidades desses estudos, mas a exatidão subordinou os estudos à quantificação de números.

A AC como a conhecemos começou a se desenvolver nos Estados Unidos no início do século XX, com os estudos quantitativos de jornais realizados na Escola de Jornalismo de Columbia. Mas o auge da AC deu-se no período da Segunda Guerra Mundial, com os estudos quantitativos da propaganda de H. Lassweel. No entanto há indícios de estudos que tinham como objetivo conhecer o que os textos queriam dizer na verdade, tradições como da hermenêutica, a retórica e lógica podem ser consideradas precursoras da AC, sem o sustentáculo técnico que validou a análise feita no século XX.

Durante a Segunda Guerra Mundial os governos dos EUA utilizam a AC como instrumento político e de guerra na análise de jornais e periódicos suspeitos de propaganda subversiva, já ali havia a comparação entre publicações suspeitas e publicações patriotistas, a análise lexical a partir de uma lista de palavras-chave entre outros.

A AC, dentro do quadro conceitual da sociologia funcionalista dos *mass-media*, entende o “conteúdo como um objeto de estudo, complementar àquele controle, do suporte, da

audiência e dos efeitos, dentro do paradigma de Laswell (MATTELART, 2002). Dito isto, podemos postular como objetivo da AC, a evidência dos assuntos e temas mais importantes difundidos nas mensagens mediáticas. Para chegarmos a tal resultado, quantificamos os itens, ou seja, contamos as ocorrências de certas palavras ou famílias de palavras. Aqui o tema é uma noção central da AC. Uma das vantagens da AC é a objetivação de dados textuais sistematizando sua abordagem.

A Análise de Conteúdo busca a essência da substância de um texto nos detalhes dos dados e informações disponíveis. Não trabalha somente com o texto de per se, mas também com detalhes do contexto. O interesse não se restringe à descrição dos conteúdos. Deseja-se inferir sobre o todo da comunicação. Entre a descrição e a interpretação interpõe-se a inferência. Buscam-se causas ou antecedentes da mensagem ou efeitos ou consequências da mensagem.

Dentre os usos da Análise de Conteúdo, destacamos;

- Descrever tendências no contexto das comunicações;
- Comparar mensagens, níveis e meios de comunicação;
- Auditar conteúdos de comunicações e compará-los com padrões, ou determinados objetivos;
- Construir e aplicar padrões de comunicação;
- Medir a clareza das mensagens;
- Descobrir estilos de comunicação;
- Identificar intenções, características e apelos de comunicadores;
- Desvendar as ideologias de dispositivos normativos e de outra natureza.

Destacamos também as fases no processo para a realização da AC, selecionamos:

- Pré-análise: coleta e organização do material a ser analisado;
- Descrição analítica: estudo aprofundado do material, orientado pelas hipóteses e referencial teórico. Escolha das unidades de análises (a palavra, o tema, a frase, os símbolos etc.). Essas unidades são juntadas segundo algum critério e definem as categorias. Por exemplo, um discurso poderia ser classificado como otimista ou pessimista, como liberal ou conservador. As categorias devem ser exaustivas e

mutuamente excludentes. Das análises de frequência das categorias surgem quadros de referências;

- Interpretação inferencial: com os quadros de referência, os conteúdos (manifesto e latente) são revelados em função dos propósitos dos estudos.

5 A INVISIBILIDADE DOS CIGANOS NA MÍDIA IMPRESSA NACIONAL

Foram analisados 23 textos, os quais foram publicados entre outubro de 2010 e junho de 2012, período em que se deu a pesquisa Faces do Brasil. Esses textos estão distribuídos em seis jornais e uma revista. Faremos uma pequena apresentação de cada veículo, começando pelos jornais;

- a) A Gazeta – Jornal foi fundado em 11 de setembro de 1928 pelo jornalista Thieres Vellozo. Segundo o site oficial da Rede Gazeta, a empresa atualmente congrega 21 negócios, sendo dois jornais, nove rádios, quatro emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo, quatro portais na internet, uma empresa de marketing promocional e uma empresa em soluções para a web 2.0. Sendo assim, é a maior empresa de comunicação do Espírito Santo, mantém escritório comercial em São Paulo e tem representantes em oito capitais do País. Circula com as editorias Para Começo de Conversa, Página 3, Dia-a-dia, Economia, Política, Mundo, Esporte, Caderno 2, Classificados, Imóveis, Prazer & Cia, Revista AG e Gazetinha.
- b) A Tarde – O jornal A Tarde nasce em 1912 para disputar mercado com o Jornal de Notícias, de Aloísio Carvalho Filho, e o Diário da Bahia, de Demétrio Ciríaco Tourinho e Manuel Jesuíno Ferreira. O A Tarde é o primeiro jornal a lançar promoções e brindes para incentivar os leitores a comprar periodicamente. Atualmente, o grupo A Tarde é uma empresa de informações que congrega os jornais impressos A Tarde e Massa, a rádio A Tarde FM, o portal A Tarde on line, o Mobi A Tarde e o Avance Telecom (rede de acesso à internet e serviços de comunicação). As editorias diárias do jornal são o Caderno 1, que compreende as subdivisões Salvador, Bahia, Brasil, Mundo, Política e Economia, além dos textos de opinião e cartas do leitor; os cadernos 2+ (cultura), Esportes e Populares. Às terças-feiras, o jornal é complementado com o caderno Concursos; às quartas-feiras, Classiautos; às quintas-feiras, Turismo, Imobiliário e a revista Sua casa; às sextas-feiras, com o caderno Fim de Semana; aos sábados, com A Tardinha, para as crianças, e Imobiliário, e, domingo, com os cadernos de Emprego, a Revista da TV e a revista Muito, de variedades.
- c) Correio* – O jornal Correio da Bahia foi fundado no dia 20 de dezembro de 1978 e publicou sua primeira edição no dia 15 de janeiro de 1979. Foi criado por Antonio

Carlos Magalhães, controverso líder político baiano da última metade do século XX. O Correio da Bahia é a primeira empresa de comunicação do grupo que viria a se tornar Rede Bahia, hoje, formado por emissoras de televisão e de rádio espalhadas por todo o Estado. Na época da fundação do jornal, Salvador contava com quatro outros veículos impressos: A Tarde, Diário de Notícias, Jornal da Bahia e Tribuna da Bahia. Em 2008, o jornal sofreu um processo de reestruturação, modificando inclusive o seu nome, de modo que passou a se chamar Correio* (com asteriscos). Dois anos depois, alçou o posto de jornal mais vendido do estado e da região Nordeste, superando o principal concorrente, o jornal A Tarde.

- d) Folha do Estado – O jornal Folha do Estado foi fundado, em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 4 de outubro de 1994 pelo advogado e empresário Domingos Sávio Brandão Lima Júnior, mais conhecido como Sávio Brandão. Apesar de curta, a história do jornal é marcada por um fato que ganhou repercussão internacional. Trata-se do assassinato do fundador e presidente do veículo, em 2002, há exatos oito anos da fundação do jornal, em frente à sede da empresa. Sávio foi atingido por sete disparos de arma de fogo. O jornal circula diariamente com três cadernos fixos: o 1º Caderno, onde aparecem as editorias de Opinião, Política, Cidades, Nacional, Mundo e Economia; o caderno de Esportes e o Folha 3, com conteúdo sobre Cultura. Ao longo da semana circulam outros suplementos, como o Agora FOLHA, o AZ, que trata de variedades, a Revista da TV e o Autos na Folha.
- e) O Globo – O jornal pertence às Organizações Globo e foi o primeiro veículo do grupo a partir do qual surge a maior rede de televisão do Brasil e quarta no mundo – TV Globo. Nasceu como jornal matutino, em 29 de julho de 1925 fundado por Irineu Marinho dono do então jornal A Noite. Três semanas depois, após a morte do pai, assume a direção da empresa Roberto Marinho, com 20 anos de idade. O jornal que nasce para atender a grande região metropolitana do Rio ganhou alcance nacional e tem se consolidado como um dos jornais de maior circulação do país, em 2010 se manteve como a terceira maior circulação com 262.435 exemplares diários. A sede do jornal está localizada no Rio de Janeiro e conta com sucursais em Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Salvador. Por ter circulação nacional, não raro o jornal apresenta mais de uma edição, e há casos em que três edições são percebidas (edição do dia 26 de novembro de 2010 na cobertura da retomada do Complexo do Alemão, no Rio). É composto de três cadernos principais, que circulam diariamente sendo eles o Primeiro

caderno (divido em Primeira página, Segunda página, O país, Opinião, Rio, Economia, O Mundo e Ciência), o Caderno de esportes e o Segundo caderno (com matérias de cultura e agenda cultural diária). Além dos suplementos de circulação semanal (Rio Show, Boa Viagem, Carro e ETC, Megazine, Boa Chance, Morar Bem, Revista da TV, Revista o Globo, Ela, Morar Bem/Niterói, Globinho, Prosa & Verso, Caderno Especial).

- f) Zero Hora – O jornal Zero Hora, de Porto Alegre, pertence ao grupo RBS (Rede Brasil Sul) que detém uma grande rede de comunicações na região Sul, envolvendo 18 emissoras de TV, rádio, gravadora, internet, revistas, editora e outros. O impresso é o 6º jornal do País em circulação paga, segundo dados do Instituto Verificador de Circulações. Tem uma tiragem de 185.026 exemplares por dia. As editorias de Zero Hora são: Atendimento ao Leitor, Arte, Diagramação, Economia, Esportes, Fotografia, Geral, Interior, Mundo, Opinião, Polícia, Política e Segundo Caderno. Todas as editorias são ligadas a outras sessões, ou subeditorias.

A única revista que publicou um texto referente aos ciganos foi a revista *Época*, de circulação semanal pertence ao grupo Globo e circula desde maio de 1998. *Época* está organizada em nove editorias. São elas: Primeiro Plano, Brasil, Negócios e Carreira, Ciência e Tecnologia, Mundo, Sociedade, Saúde e Bem-Estar, Vida Útil e Mente Aberta. Tem versão digital disponível gratuitamente e presença nas mídias sociais mais atuais, a saber: Twitter e Facebook.

5.1 Ação do MPF contra discriminação em dicionário

A revista *Época* em matéria publicada na edição de 12 de maio de 2012 intitulada “Caça às Bruxas” repercutia, através de artigo de opinião a ação do Ministério Público Federal – MPF de Uberlândia, Minas Gerais, para retirada de circulação do dicionário Houaiss, por considerar a existência de referências preconceituosas na definição do termo cigano. O autor fala do absurdo na interpretação do MPF, pois estaria clara a posição neutra do dicionário ao colocar como uso pejorativo, a definição “que, ou aquele que trapaceia, velhaco, burlador”.

Fica claro o interesse em desqualificar a ação do MPF, ao invés de discuti-la como um assunto de interesse nacional, ou provocar a discussão na opinião pública. Considerando que ao longo dos séculos os povos ciganos tem sua identidade associada a essas definições de forma que velhaco, vagabundo, trapaceiro pode ser tido como sinônimo do termo cigano.

Ainda sobre a matéria em questão, o autor usa outros exemplos para ilustrar o que ele chama de censura. Citando até o caso emblemático do parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE, sugerindo a retirada de livros de Monteiro Lobato das escolas públicas pelo teor racista presente na literatura deste. Não é objeto deste trabalho entrar na seara da questão envolvendo o escritor Monteiro Lobato, mas que a comparação de eventos de natureza diferente, leva a crer que a ideia do autor é tirar de foco a verdadeira discussão em torno da preservação dos direitos das minorias étnicas que compõe o povo brasileiro.

Outros textos sobre o caso foi repercutido nos jornais dentro do recorte da pesquisa Faces. Os jornais O Globo do Rio de Janeiro e A Gazeta do Espírito Santo publicaram notas, cartas do leitor e uma matéria sobre o caso. No diário capixaba uma nota de 236 caracteres, falava da reação da Associação Brasileira de Letras à “censura” do MPF ao Houaiss, definido o ato como crime de lesa-cultura. Mais uma vez, ao invés de fomentar discussão em torno do caso, trata-se o caso com desdém.

O diário carioca publicou uma matéria e duas cartas do leitor sobre o tema. A matéria traz a justificativa do promotor que entrou com a ação para a retirada do dicionário. Ali está a fala da autoridade, no caso o MPF que moveu a ação motivada por denuncia de um homem de etnia cigano por discriminação e preconceito contra sua etnia. Ficou a cargo dos leitores o rechaço a ação do MPF com duas cartas desqualificando-a, sem considerar o debate sobre o tema, já achando que era falta do que fazer do ministério.

Nenhum cigano foi ouvido nos textos publicados nem no artigo da revista Época, na matéria de O Globo e na nota de A Gazeta. Muito menos os leitores estarecidos com o poder público eram ciganos. Nenhum interesse público em levar a diante o debate, a questão do respeito à etnia cigana que ainda é desconhecida e tida como invisível na sociedade e na opinião pública. O que queremos levantar e questionar é o total desinteresse pela discussão, pelo debate democrático, especialmente nesse caso, onde se perdeu uma chance de investigar

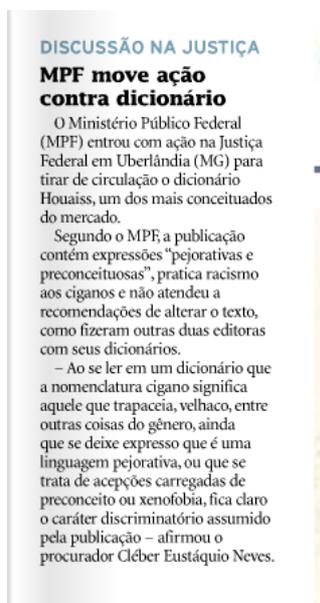
e levar ao conhecimento do grande público questão ligada aos povos ciganos, sem conotação pejorativa. Uma das poucas oportunidades em que esses povos não aparecem em páginas policiais como personagens dentro do estereótipo que os seguem ao longo dos séculos.

No dia 1 de março de 2012 o jornal repercutiu o tema publicando duas cartas de leitores, que até zombavam da atitude do procurador, sabemos que essa não é a opinião direta do jornal, mas a opção de publicar tais comentários não nega a posição do jornal. Não houve nenhuma matéria nos dias seguintes, que remetesse ao fato, nem artigos de opinião.

Ainda referente à ação do MPF pedindo a retirada de circulação do dicionário Houaiss. O primeiro, publicado em 28 de fevereiro de 2012, com o seguinte título “MPF move ação contra dicionário”. Trata-se de uma nota sobre a ação movida pela instituição. Um texto frio, o que se pode dizer é que o procurador, autor da ação fala em discriminação por parte da publicação, ao usar termos como velhaco, trapaceiro na definição de cigano.

Veremos outros textos publicados no Zero Hora referindo-se à ação do MPF que pedia a retirada de circulação do dicionário Houaiss. O primeiro, publicado em 28 de fevereiro de 2012, com o seguinte título “MPF move ação contra dicionário”. Trata-se de uma nota sobre a ação movida pela instituição. Um texto frio, o que se pode dizer é que o procurador, autor da ação fala em discriminação por parte da publicação, ao usar termos como velhaco, trapaceiro na definição de cigano.

Figura 2 Zero Hora 28/02/2012



A nota tem um teor sarcástico, passando para o leitor a ideia de quem tá zoando com a cara do procurador autor da ação. Os termos “um dos mais conceituados do mercado”, é usado como quem diz, olha só com quem eles estão mexendo, não é qualquer publicação é a mais conceituada, é a referência no mercado. Ninguém pode com os melhores do mercado. Outro termo que não deixa dúvida do tom irônico da nota, é o “segundo o MPF”, como quem diz, o procurador entendeu assim, mas está claro, e o dicionário deixou claro para toda mundo que não é a definição canônica de cigano, são os usos. O caráter gozador da matéria será estendido para os próximos textos publicados nos dias seguintes pelo jornal. Vejamos:

Figura 3 Zero Hora 03/03/2012

O Prazer das Palavras

Cigano (1)

Esta semana constatei, não sem surpresa, que muita gente graduada não sabe distinguir uma enciclopédia de um dicionário. É verdade que ambos são fontes de referência que organizam suas entradas por ordem alfabética, providenciais bancos de dados a que recorremos quando precisamos de uma informação a la minuta. A grande diferença entre eles, no entanto, é o tipo de informação que um e outro nos fornecem: enquanto dicionários como o *Aulete* ou o *Houaiss* nos informam sobre palavras, enciclopédias como a sólida *Britânica* ou a controversa *Wikipedia* nos informam sobre os *seres* e os *fenômenos* em geral. E não é pouca diferença! Quero saber o significado de *burlantim*? Vou ao dicionário (sossegue, leitor; é um simples sinônimo de *funambulo*...). Tenho dúvida sobre o gênero de *dó* ou hesito na hora de pronunciar o “E” de *incesto*? Vou ao dicionário e fico sabendo que *dó* é masculino (“Sentia um dó imenso do padrinho”) e que *incesto* tem o “E” aberto, rimbando com funesto. Agora, se preciso descobrir quanto dura a gestação do elefante, qual foi o último rei de Cartago ou quem descobriu os anéis de Saturno, só uma boa enciclopédia poderá me socorrer.

O dicionário reúne e organiza dados

Cláudio Moreno



linguísticos; o seu assunto é a própria linguagem e o uso que dela fazemos. A enciclopédia, por seu lado, reúne dados sobre a natureza, os povos, os personagens históricos, as coisas, as obras de arte; o seu assunto é o mundo real, concreto, extralinguístico. Mesmo que o dicionário muitas vezes não possa prescindir de uma certa dose de informação enciclopédica (*carrapato* – “designação comum aos ácaros da família dos ixodídeos e argasídeos”), ele sempre vai muito além dela, pois tem a obrigação de registrar (o que seria inadequado numa enciclopédia) que *carrapato* também designa um “indivíduo importuno, que não larga outro; indivíduo que se apega com muita força a algo”. De uma enciclopédia espera-se que apresente os conhecimentos que a Humanidade conseguiu acumular sobre o ilustre carrapato; de um dicionário, exige-se que relacione e discrimine os sentidos que os falantes dão (ou deram) a este termo.

Pois não é que esta semana o Brasil inteligente ficou sabendo, estarrecido, que um procurador da República de Uberlândia quer obrigar o Instituto Antônio Houaiss a retirar de circulação todas as edições do dicionário *Houaiss*, que contém, segundo a excelentíssima sumidade, “expressões pejorativas e preconceituosas relativas aos ciganos”? Confesso que há muito eu não ouvia tamanho disparate, e fiquei tão chocado com a notícia que, a princípio – imaginando que fosse mais um desses boatos propagados pelas ondas do mar da internet –, pus minha mão no fogo pelo procurador: “Um membro do Ministério Público não vai cometer o erro primário de confundir o texto de um dicionário com o de uma enciclopédia”, sentenciei – mas, ai de mim, logo me convenci de que teria feito melhor se tivesse deixado a mão no bolso: era tudo verdade!

Ocorre que este dicionário – de longe, o melhor que já tivemos em língua portuguesa – não faz mais do que a obrigação ao registrar que o termo *cigano* tem oito acepções, entre elas duas que *Houaiss* expressamente rotula como “pejorativas”: “aquele que trapaceia; velhaco, burlador” e “aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina”. Afinal, este é, como vimos, o compromisso tácito que todo lexicógrafo que se preze assume conosco: apresentar o repertório de significados atribuídos a cada palavra e indicar as particularidades de seu uso (“informal”, “antiquado”, “chulo”, “regional”, etc.). Nosso douto procurador deveria ter percebido que as informações apresentadas pelo Houaiss – que, desculpem lembrar a obviedade, não é uma enciclopédia – se referem ao *termo*, e não ao *povo* ci-



gano. No dia em que registrar os valores depreciativos que certos vocábulos assumiram ao longo do tempo for considerado um crime, nossa língua – ou melhor, nossa civilização terá embarcado numa viagem sem volta para a noite escura da desmemória.

O problema é tão sério que voltaremos a ele na nossa próxima coluna. Enquanto isso, aproveito para lembrar aos amigos que no próximo dia 12 de março iniciam, na Casa de Ideias, no Shopping Total, novas turmas do meu Curso de Português voltado para concursos de nível superior. Mais informações pelo fone 30187740 ou pelo endereço portugues@casadeideias.com

Um pouco mais de investimento do jornal e o debate em torno da identidade dos povos ciganos no Brasil estaria formado. Haveria uma discussão na opinião pública em torno da definição do termo cigano, de suas origens, e dos usos pejorativos que o dicionário Houaiss cita. O Zero Hora foi o diário que mais reverberou a notícia, com a publicação de uma nota sobre a ação do MPF –MG, seguindo com a publicação de um artigo de opinião e um editorial. Além de comentários de leitores sobre o tema. Nessa discussão nenhum cigano foi ouvido, nem mesmo um especialista, chamado ciganólogo foi chamado a palpitar sobre o

tema. Na metade do caminho a discussão já estava imersa no fantasma da censura que a imprensa tanto abomina. No debate já nem se falava mais em ciganos, o importante agora era falar do que isso representaria para a liberdade de expressão e da imprensa no Brasil.

Figura 4 Zero Hora 04/03/2012

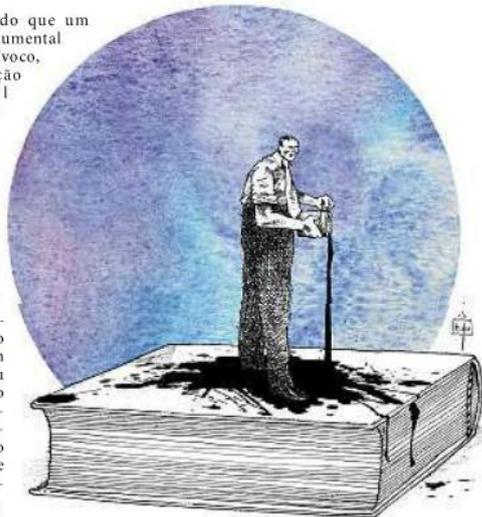
O DICIONÁRIO CENSURADO

Mais do que um monumental equívoco, a ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal em Uberlândia, pedindo a retirada de circulação do Dicionário Houaiss, evidencia o arbítrio de autoridades que se julgam no direito de tutelar a sociedade. O episódio só não é risível porque o procurador responsável pelo pedido acredita mesmo que está combatendo um preconceito. Ele considerou ofensiva a acepção do termo "cigano" usada para designar um indivíduo "trapaceiro, velho, burlador". Isso que o dicionário adverte que se trata da definição da palavra no seu uso pejorativo.

Ora, os dicionários existem para conceituar a realidade da língua. Registram os significados das palavras, positivos ou negativos. Assim como o vocábulo "cigano", inúmeros outros termos da língua portuguesa assumem sentido depreciativo quando utilizados com esse propósito. E não será a supressão arbitrária de uma palavra que fará a população deixar de usá-la. Exemplos não faltam. O termo "judeu", que designa a pessoa nascida na antiga Judeia ou que segue a religião e a tradição judaicas, também é empregado popularmente para definir uma pessoa avarenta ou usurária. O substantivo "madrasta", criado para designar a relação de uma mulher com os filhos que o marido teve num matrimônio anterior, ganhou maior evidência na acepção de pessoa pouco carinhosa, ingrata, má.

Adianta eliminá-los do dicionário? Ou mandar recolher os dicionários que registram as acepções depreciativas? Só mesmo no entendimento de certas autoridades que, por ignorância ou prepotência, se julgam capazes de alterar a realidade, como os inquisidores medievais que obrigaram Galileu a negar a teoria do heliocentrismo, baseada na correta ideia de que a Terra e os demais planetas de nosso sistema giram em torno do Sol.

Também agem como tutores indesejáveis dos cidadãos os julgadores que avocam para si a prerrogativa



Ao impedir a opinião pública de fazer o seu próprio julgamento dos fatos, o censor cassa um direito quase divino do ser humano, que é o livre-arbítrio.

de decidir o que deve ou não ser publicado pela imprensa ou pelos novos instrumentos de mídia. A liberdade de expressão é uma cláusula pétrea da Constituição brasileira. Todas as pessoas têm o direito de dizer, escrever ou divulgar aquilo que pensam, sabendo que poderão ser responsabilizadas quando cometerem impropriedades. Não podem,

porém, ser impedidas previamente de se manifestar.

A censura prévia é ainda mais absurda do que a ordem para recolher o que já foi publicado, como pretende o procurador mineiro. É como condenar alguém pela simples suposição de que vai cometer um crime. Além disso, ao impedir a opinião pública de fazer o seu próprio julgamento dos fatos, o censor cassa um direito quase divino do ser humano, que é o livre-arbítrio. Os patrulheiros da língua equivocam-se duplamente, pois atentam

contra a liberdade dos cidadãos de interpretar o que ouvem e leem conforme seu entendimento, e ainda tentam inutilmente interferir na propriedade natural dos vocábulos de adquirirem outros sentidos pela vontade das pessoas que os utilizam.

Guardadas as proporções, censurar o dicionário equivale a tentar fazer o Sol girar em torno da Terra.

O editorial ao lado foi publicado antecipadamente no site e no Facebook de Zero Hora, na sexta-feira. Os comentários selecionados para a edição impressa mantêm a proporcionalidade de aprovações e discordâncias. A questão proposta aos leitores foi a seguinte: Você concorda com o editorial que critica o uso da censura por autoridades que alegam defender a sociedade?

O leitor concorda

Concordo plenamente com o editorial. Este tipo de censura é um passo para que daqui a pouco nos digam o que ler ou não, só porque algum indivíduo acha o que é certo ou errado, tornando a vontade dele como lei. É bom lembrar que o livro *A Origem das Espécies*, de Darwin, foi queimado em praça pública e proibido em muitas bibliotecas, só porque alguns puritanos não concordavam com suas teorias.

Julio Jacovenko – Porto Alegre (RS)

Concordo. Censurar é tolher a liberdade e isso é próprio de regimes totalitários. No caso do dicionário, Antônio Houaiss apenas expressou uma verdade. Ou não é esse o conceito pejorativo que a sociedade tem em relação a esses cidadãos?

Lino Abel Nunes – Porto Alegre (RS)

Concordo plenamente com o editorial. Não aceitemos o retorno aos tempos da Inquisição e do obscurantismo.

Valdir Oliveira – Capão da Canoa (RS)

Concordo! O dicionário foi criado para que o povo possa entender os significados das palavras, sejam pejorativas ou não. E concordo mais ainda quando o editorial informa que "...não será a supressão arbitrária de uma palavra que fará a população deixar de usá-la". As autoridades precisam se preocupar em abrir mais escolas para que qualquer palavra seja pronunciada, descrita e entendida corretamente.

Mayara Gabriela Campos – Florianópolis (SC)

O leitor discorda

Muito bom o texto, embora tenha que discordar do autor. É possível retirar das livrarias dicionários que contenham palavras abusivas e que podem diminuir a autoestima das pessoas, mas o que é impossível é retirar da cabeça das pessoas a ofensa que essas palavras lhes causaram. Podemos até esquecer um ato de violência, mas uma ofensa verbal jamais é esquecida, mesmo que retirem todos os dicionários que traduzem seus sinônimos.

Alda Pegoraro Roeder – Nova Prata (RS)

Discordo! O que vai ser da sociedade no dia em que não houver mais censura? Se hoje a coisa se encontra do jeito que está, uma pouca vergonha, aí sim, né?

Claudia Cabreira – São Gabriel (RS)

A nota tem um teor sarcástico, passando para o leitor a ideia de quem tá zoando com a cara do procurador autor da ação. Os termos "um dos mais conceituados do mercado", é

usado como quem diz, olha só com quem eles estão mexendo, não é qualquer publicação é a mais conceituada, é a referência no mercado. Ninguém pode com os melhores do mercado. Outro termo que não deixa dúvida do tom irônico da nota, é o “segundo o MPF”, como quem diz, o procurador entendeu assim, mas está claro, e o dicionário deixou claro para toda mundo que não é a definição canônica de cigano, são os usos. O caráter gozador da matéria será estendido para os próximos textos publicados nos dias seguintes pelo jornal.

5.2 Atos de violência x ciganos

A Tarde publica no dia 26 de dezembro de 2011 a matéria “Ciganos matam idosa com seis tiros para vingar morte de companheiro”, se enquadra no chamado jornalismo mínimo. Este foi publicado na página B7, e apesar de estar disposto na parte de cima do jornal, a sua localização na editoria, na página que o jornal chama de ÚLTIMAS, dentro da rotina jornalística, é uma matéria que não tem foto, as fontes são raras, nesse texto temos duas fontes testemunhais, nenhum é cigano.

Figura 5 A Tarde 26/12/2011

ÚLTIMAS

Editor coordenador: Cláudio Bandeira | ultimass@grupotarde.com.br

TEMPO REAL Veja a atuali no portal **A TARDE** On Line

ACAJUTIBA Mulher morta era mãe do autor do crime; policiais militares buscam grupo que está foragido

Ciganos matam idosa com seis tiros para vingar morte de companheiro

SAMUEL LIMA

Policiais militares da 6ª Companhia Independente (Rio Real) continuaram, na noite de ontem, com as buscas pelo grupo de ciganos envolvido no assassinato de Francisca Bispo dos Santos, 77.

O crime foi cometido por volta das 6h30 de ontem, em Acajutiba (a 179 km de Salvador), como forma de vingar outro homicídio – o que teve como vítima o cigano Anailton Gama Farias, 23, ocorrido na noite da véspera. José Nilton Bispo dos Santos, 34, filho da idosa, foi identificado como o autor do disparo que matou o cigano.

Até o fechamento desta edição, José (que, segundo familiares, “viajava como pai de santo”) permanecia internado, sob custódia, no Hospital Dantas Bião, em Alagoínhas (a 109 km da capital), uma vez que, antes de atirar em Anailton, levou uma facada no abdômen, desferida pela vítima.

Rixa

Após receber alta, será conduzido à sede da 2ª Coordenadoria de Polícia do Interior (Alagoínhas), autuado em flagrante por homicídio. Segundo testemunhas, eles, que eram vizinhos, viviam em rixa há cerca de um mês.

“Tudo começou depois que as galinhas do cigano invadiram o quintal de meu padrinho (José Nilton) e destruíram a horta que ele plantou. Desde então, estavam sempre discutindo”, contou uma babá da filha de criação de Francisca. O derradeiro conflito entre os desafetos ocorreu por volta de 23h do último sábado.

Fuga

“O cigano veio oferecer uma galinha a meu tio (José Nilton), apenas com o pretexto de caçar. Ai, começou a briga. Só que meu tio agiu em legítima defesa, pois foi o cigano que o esfaqueou primeiro”, relatou um sobrinho. Mesmo ferido, José Nilton conseguiu atingir o peito de Anailton com um tiro.

Após socorrido por policiais, ele revelou onde o revólver calibre 22 estava escondido – a arma já foi apreendida e encaminhada à perícia.

Sem aviso

“José Nilton só não contava que os ciganos iriam em busca de vingança. Se ele tivesse avisado que outras pessoas frequentavam sua residência, poderíamos ter evitado a morte da idosa”, frisou o major Ribeiro, comandante da 6ª CIPM.

De acordo com policiais da delegacia de Acajutiba, Francisca foi morta com seis tiros, no povoado de Benedito. Ela estava no local apenas para levar roupas a uma outra anciã, que vive sob os cuidados de José Nilton e o parceiro dele.

“Os ciganos chegaram e uma mulher que estava entre eles apontou para minha mãe, dizendo que ela era a mãe de José. Todos saímos correndo. Ela foi atingida, conseguiu chegar até o quintal, mas depois caiu. Eles não atiraram em mais ninguém. Só que disseram que iam voltar para matar todos”, lamentou um rapaz, de 16 anos, outro filho de criação de Francisca.

Por temer represálias, todas as testemunhas pediram para ter a identidade preservada. Os ciganos, cujo grupo Anailton integrava, fugiram do povoado.

Abandonaram suas moradias, deixando para trás pertences de valor, como eletrodomésticos, e animais de estimação.

Briga, que resultou nos crimes, foi motivada por galinhas criadas pelo cigano e que destruíram uma horta

“Meu tio agiu em legítima defesa, o cigano o esfaqueou primeiro”

SOBRIHINHO DE JOSÉ NEWTON

Essa matéria é o modelo do que é publicado pela mídia sobre os ciganos, é a regra. Pauta ligada a violência física, moral, a uma suposta resistência dos ciganos em se enquadrar

no modo de vida da nossa sociedade. Resolvendo suas questões como bem lhe couber. Os ciganos não foram ouvidos, pois fugiram como está claro no próprio texto, mas o seu grupo tinha um acampamento na região onde o fato aconteceu, possivelmente era sabido que estes tinham uma etnia, e não referência a esta.

O maior crime dos jornais, passar essa imagem de que todos os ciganos são iguais, pertencem ao uma mesma família, agem da mesma forma, etc. Que sejam vistos como cigano, mas no momento que vamos falar sobre índios, referi-nos a etnia que tal grupo pertence isso seria o mínimo que nossa mídia poderia fazer.

O texto “Ciganos matam dois e ferem um por causa de cachorro”, também está ligado à questão da violência, e cada vez por motivos mais banais, por coincidência, ou não no último texto, a confusão que gerou o fato noticiado (morte de uma idosa de 77 anos), teve como precursor uma galinha e agora um cachorro foi o suposto motivo para o assassinato de duas pessoas, por ciganos. Segundo o jornal, que não identifica os ciganos, somente se sabe que eles estavam acampados há alguns meses no local criavam problemas com os outros moradores não ciganos, de acordo com as fontes testemunhais. Os ciganos aqui também não são ouvidos, levantaram acampamento sem deixar pistas após o acontecido. Não estamos no mérito da análise do fato em si, o nosso objeto de estudo é o enquadramento relegado aos povos ciganos.

Figura 6 A Tarde 02/03/2012

A TARDE SALVADOR **SEXTA-FEIRA** 02/03/2012 **A11**

BAHIA

Editor-convencido
Cláudio Vasconcelos
bahia@grupocarteria.com.br

JUAZEIRO Operação policial prende traficante após denúncias
www.abranta.com.br/colunas

FEIRA DE SANTANA Revoltados, moradores do bairro Mangabeiras tocaram fogo no acampamento onde estavam os criminosos, que estão sendo procurados

Ciganos matam dois e ferem um por causa de cachorro

ALIAN RODRIGUES
Feira de Santana

Revoltados com um duplo assassinato ocorrido na noite de quarta-feira, moradores do bairro Mangabeiras em Feira de Santana (a 109 km de Salvador) atearam fogo na manhã de ontem em todas as barracas de dois acampamentos de ciganos, apontados como autores do crime.

O grupo, fugiu deixando roupas, calçados, eletrodomésticos e móveis, que foram parcialmente destruídos pelo fogo. O que restou sem ser danificado foi saqueado pelos moradores do local.

O crime, cujo motivo foi uma discussão por causa de um cachorro, ocorreu na Rua Tupinambá, no interior do Depósito e Mercadinho São Carlos, e teve como vítimas o dono do estabelecimento, José Carlos Gomes dos Santos, 42, e o cunhado dele, André Avelino de Oliveira Neto, 41. A esposa de José Carlos, Rosana de Jesus, foi golpeada com uma facada na cabeça e nas costas, mas sobreviveu.

O ataque
De acordo com Rosana, os dois criminosos chegaram ao mercadinho para comprar cerveja e um deles teria caído da bicicleta assustando o ca-

“Eles chegaram atirando e, quando tentei me virar, recebi a facada na cabeça”

ROSANA DE JESUS, vítima



Acampamento foi incendiado e saqueado por moradores do bairro Mangabeiras



cho do dono do estabelecimento. Revoltado porque o animal latiu, um dos homens tentou matá-lo a facadas, sendo impedido pelos proprietários. “Pedimos para ele não matasse o cachorro e ele ficou xingando e nos afrontando. O outro o seguiu e, depois, pediu desculpas ao meu marido, indo embora com o amigo”, lembra.

Cerca de 30 minutos depois, o casal foi surpreendido pelos homens, que, armados de revólver e faca, cometeram o crime. “Eles já chegaram atirando e gritando para meu marido ‘tome agora o seu’. Quando tentei me virar, recebi a facada na cabeça. Saí correndo, e meu marido, mes-

mo baleado, veio junto, mas eles o derrubaram e o cortaram todo com uma faca”, relatou, emocionada, acrescentando que os disparos foram feitos pelo homem que pediu desculpas à vítima.

Acaso
O irmão de Rosana, André Avelino Oliveira, estava na

Crime ocorreu no depósito e mercadinho São Carlos

Feira de Santana / Ag. A TARDE

ral Clériston Andrade (HGCA), onde passou por uma pequena cirurgia e foi liberada. Os corpos de José Carlos e André Avelino foram necropsiados e liberados para sepultamento ocorrido no final da tarde de ontem em um cemitério não divulgados pelos familiares.

Detenção
Na madrugada de ontem, a Polícia Civil deteve em Santo Estêvão quatro suspeitos de participação no crime, mas eles não foram reconhecidos por Rosana nem pelas testemunhas, sendo liberados depois de ouvidos. No bairro onde houve o crime, moradores revelaram que o grupo que residia no acampamento há alguns meses constantemente criava problemas com vizinhos. Alguns, inclusive, teriam ido embora do bairro por causa disso.

“Eles mataram duas pessoas de bem, destruíram duas famílias por nada. São uns monstros e devem pagar pelo o que fizeram”, frisou um morador que não quis ser identificado.

O caso está sendo investigado pelo delegado Madson Sampaio, titular da 2ª Delegacia, que contará com a ajuda da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam).

Em “Polícia investiga para identificar cigano acusado de crime” publicado na edição de 4 de junho de 2012, verificamos as mesmas características já destacadas nos textos anteriores: falta de investimento na apuração dos fatos, de uso de recursos visuais e da disposição das matérias no alta da página do jornal, os textos estão situadas na editoria regional/local, no entanto refere-se as ocorrências violentas nos locais.

ÚLTIMAS

Editora
Joane Borges (interina)
ultimas@gruposatarde.com.br

SANTO AMARO Moradores incendeiam acampamentos de ciganos após proprietário de um lava-jato ser assassinado

Polícia investiga para identificar cigano acusado de crime

MARJORIE MOURA

A polícia da cidade de Santo Amaro da Purificação (situada a 72 km de Salvador) realiza diligências para identificar e prender um cigano que matou uma pessoa e baleou outra no último sábado. A vítima fatal foi o comerciante Divaldo Ribeiro Maia, 52 anos, conhecido também como Nicuri, baleado após cobrar o pagamento pela lavagem de um veículo pertencente ao suspeito.

O comerciante era proprietário de um lava-jato na Avenida Rui Barbosa, ao lado do acampamento onde moravam alguns ciganos na cidade. Após o crime, uma multidão estimada em cerca de 600 pessoas pela Polícia Militar invadiu o acampamento, incendiou e destruiu as barracas de lona dos moradores, que também foram saqueadas.

O crime
O fato aconteceu por volta das 14 horas, quando Nicuri se dirigiu a um grupo de ciganos em um bar localizado próximo ao seu lava-jato. Ele cobrou por serviços prestados a um dos ciganos que ali estavam, e, segundo populares, o acusado disse que iria em casa pegar o dinheiro.

Ao retornar, o cigano veio armado e atingiu Nicuri com dois tiros, um no pé e outro no peito. Os tiros atingiram de raspão outra pessoa que se encontrava nas proximidades. Em seguida, o suspeito fugiu em um Corsa branco.

Populares revoltados atacaram os dois acampamentos, forçando os ciganos a fugirem. O grupo destruiu tudo e tocou fogo em móveis no meio da via pública. O tráfico foi bloqueado por horas. A polícia foi chamada, mas a situação só foi controlada por volta das 19h, quando ainda podiam ser vistos focos do incêndio.

Nicuri morreu a caminho do Hospital Geral do Estado (HGE), em Salvador. A outra vítima sofreu ferimentos leves e passa bem. O corpo da vítima foi encaminhado para o Departamento de Polícia Técnica da capital baiana.

Essa recorrência de matérias ligadas a violência, em municípios pequenos do interior da Bahia, traz uma ideia de ciganos-problemas, ou seja, onde quer que se instale um acampamento cigano, ali haverá problemas.

Por sorte não estamos no século XIX, quando ocorreu as “Correrias dos Ciganos” em Minas Gerais, como assinala o professor Rodrigo Corrêa Teixeira. Aqui permanece o mesmo tipo de preconceito e atitude em relação aos ciganos, como indivíduos que não são bem vindos. Agora não é o poder público que oficializa a expulsão dos ciganos das cidades, é a sociedade, que desinformada, e desamparada tem sede de vingança a qualquer preço, e o faz

invadindo e saqueando os acampamentos. É possível traçar um paralelo com os acontecimentos do século XIX, quando as autoridades se incumbiam da expulsão dos ciganos de suas cidades. E a imprensa tem contribuído muito nesse processo que a sociedade civil, a revelia do poder público, vem protagonizando. Agora a “Correria dos Ciganos” é midiática, pois mesmo não tendo participado efetivamente de ações que culminam com a expulsão de ciganos nos municípios onde eles se instalam, também nada tem feito para reverter a situação.

Nos textos aqui analisados em que a violência cometida por indivíduos moradores de acampamentos ciganos, onde estes foram saqueados não absolutamente nenhum comentário, nenhum reprimenda do jornal em relação ao ato da população. Esse silenciamento em relação a essa atitude é no mínimo questionável, pois o estado de direito tem como premissa a inviolabilidade do lar, a nossa Constituição protege o lar de qualquer acao violenta. E aí há também a conveniência das autoridades policiais que nada dizem em relação a isso, como se tivesse incentivando tal atitude, quando um cigano aprontar em sua comunidade você já sabe o que fazer: invadirás o acampamento deles, incendiarás e saquiarás tudo afinal eles não são bem vindos na sua cidade.

O texto publicado pelo Correio* no dia 15 de janeiro de 2012 com o título “Cinco homens matam cigano na frente do filho de quatro anos”, na página seis do veículo, parte superior no caderno 24h com tema violência, mais uma vez seguindo a regra do jogo. Primeiro nota-se que estamos falando de uma nota – relato curto geralmente sem fontes, proveniente de um blog⁴ de notícias do interior, nenhum esforço da equipe de reportagem na apuração do fato, o texto não está assinado, o que serve pra ilustrar o pouco destaque que tem dentro da hierarquização noticiosa.

Figura 8 Correio* 15/01/2012

Cinco homens matam cigano na frente do filho de quatro anos

ARACI O cigano Itanaelson Gama de Souza foi assassinado, ontem, em um dos quartos da casa onde morava, na cidade de Araci, a aproximadamente 210 quilômetros de Salvador. De acordo com familiares, a vítima estava dormindo com o filho de quatro anos quando cinco homens armados invadiram a casa e dispararam vários tiros. Após o crime, presenciado pela vizinhança, os matadores fugiram sem deixar pistas. Se-

gundo informações do site de notícias Acorda Cidade, Marli Souza, mãe de Itanaelson, suspeita que o crime foi motivado por vingança, devido o assassinato de outro cigano, Davi dos Santos Cabral, em julho do ano passado, na Ilha no Rato, em Feira de Santana. Marli afirma que o filho era inocente. A Delegacia de Polícia de Araci, que investiga o caso, nega envolvimento entre os dois assassinatos e diz não haver suspeitos ainda.

Aqui mais uma vez refere-se a ciganos como um grupo homogêneo, e como um povo que vive em desarmonia. A novidade aqui está, que não é considerada pelo jornal, é que o fato que gerou a notícia é a briga entre ciganos, não se sabe, e não é interessante, se pertencem ao mesmo clã, ou se é uma briga entre clãs diferentes. Essa informação seria relevante, incrementaria a matéria e serviria pra tirar do limbo, da ignorância a sociedade. Mas como de

praxe, não há referências as particularidades de cada indivíduo envolvido no caso, só sabemos que são ciganos e que dois estão mortos.

O texto seguinte, “Revolta após crime de cigano” foi publicado na edição de 4 de junho de 2012,

Figura 9 Correio* 04/06/2012

Correio Bahia Junho 2012 Mais 20 Min 2012

Bahia Segurança

Revolta após crime de cigano

População ataca acampamento após cigano matar dono de lava-jato

Lorena Caliman
lorena.caliman@redebahia.com.br



Divaldo: morto ao cobrar dívida

em Santo Amaro. Segundo parentes de “Bicuri”, ele vinha tendo dificuldades em lidar com os ciganos, que muitas vezes iam fazer a lavagem de seus carros, mas não pagavam. Para piorar, ele era ameaçado caso ousasse cobrar pelo serviço. “Ele já vinha há tempos ameaçando meu irmão pra ele não cobrar”, afirma Edvaldo Maia, 46, irmão da vítima. “Meu irmão foi fazer a cobrança, o ‘cigano’ não gostou, se sentiu ofendido e atirou nele”, contou ontem o irmão da vítima, enquanto esperava a liberação do corpo de Divaldo no IML em Salvador. Bicuri, que era divorciado e tinha três filhos, foi atingido no abdômen, no tórax e na perna.

Depois dos disparos, a vítima foi levada ainda com vida para o hospital Santa Casa de Misericórdia, em Santo Amaro, para estabilizar o quadro e em seguida poder ser transferido para a capital, onde receberia atendimento no HGE. “Depois que estabilizou, entubaram meu irmão, e o médico mandou uma ambulância para ele ser transferido para o HGE. O médico veio acompanhando a gente. Quando a ambulância chegou em Salvador, ele já estava com os sinais vitais muito fracos e não resistiu até ser atendido”, relembrou o primo da vítima, Carlos Antônio Oliveira dos Santos, 46 anos.

Novamente a referência à uma suposta revolta da população, aliás, apesar de o título sugerir a tal revolta o texto não descreve nenhuma ação da população que comprove o descrito no título. Há uma descrição do modo como os ciganos viviam no acampamento, incomodando os não-ciganos que moram na região, com sua cultura de não pagar por serviços prestados. Ratifico a posição deste trabalho, que não visa defender as ações dos ciganos, nem corroborar com as retalições dos não-ciganos, apenas relatamos as opções dos jornalistas em relatar tais fatos e deixar de lado outros, tão importantes. Como de praxe não se conversou com os ciganos, em nenhum momento o texto fala que os ciganos fugiram, e nem que houve por parte dos repórteres o mínimo esforço de conversar com os ciganos, nem que seja o líder do acampamento.

5.3 Dia nacional do cigano

O texto publicado no dia 8 de maio de 2012, e faz uma referência ao dia nacional do cigano, pela primeira vez em dois anos o jornal faz lembrar que a data existe. No entanto no dia 24 de maio nenhuma linha sobre os ciganos foi publicada neste veículo. E o evento anunciado na nota do dia 8 merecia uma cobertura digna de pelo menos uma página, já havia previsão da participação de representantes de ministérios e lideranças ciganas do Brasil.

No dia 23 de maio, foi publicado o texto “Cultura cigana em destaque”, a reportagem fala sobre os lançamentos de um documentário e de um radioconto sobre os ciganos produzidos por ciganos Kalons em comemoração ao dia nacional do cigano. O texto tem uma lisura, apesar de ter origem num release, explora as fontes e contextualiza o fato, falando das comunidades ciganas que vivem no Mato Grosso.

O texto seguinte foi publicado no dia 25 de maio de 2011 com o título “Falta política pública no país”. Aqui há um levantamento das políticas públicas aplicadas às comunidades ciganas, que se resumem na instituição do dia 24 de maio como dia nacional do cigano em 2006.

No dia 25 de maio de 2011, o jornal publicou um editorial com o título “Uma população invisível”, o texto fala dos problemas enfrentados pelos ciganos, reconhece que esses são enfrentados por todas as minorias que vivem no Brasil. Reconhece inclusive a

invisibilidade dos ciganos para a sociedade brasileira, só não fala que a mídia contribui muito para manter essa invisibilidade, e em consequência os preconceitos ligados a esses povos.

5.3 Dia nacional do cigano

O texto foi publicado pelo jornal O Globo no dia 8 de maio de 2012 “Ciganos oficiais?”, e faz uma referência ao dia nacional do cigano, pela primeira vez em dois anos o jornal faz lembrar que a data existe. No entanto no dia 24 de maio nenhuma linha sobre os ciganos foi publicada neste veículo. E o evento anunciado na nota do dia 8 merecia uma cobertura digna de pelo menos uma página, já havia previsão da participação de representantes de ministérios e lideranças ciganas do Brasil.

No dia 23 de maio, foi publicado o texto “Cultura cigana em destaque”, a reportagem fala sobre os lançamentos de um documentário e de um radioconto sobre os ciganos produzidos por ciganos Kalons em comemoração ao dia nacional do cigano. O texto tem uma lisura, apesar de ter origem num release, explora as fontes e contextualiza o fato, falando das comunidades ciganas que vivem no Mato Grosso.

Figura 10 Folha do Estado 23/05/2011

Cultura cigana em destaque

Dia 24 de maio comemora-se o Dia Nacional dos Ciganos, promulgado pelo ex-presidente Lula em 2004. Por aqui a homenagem mostra a diversidade do Estado de MT

DA REDAÇÃO

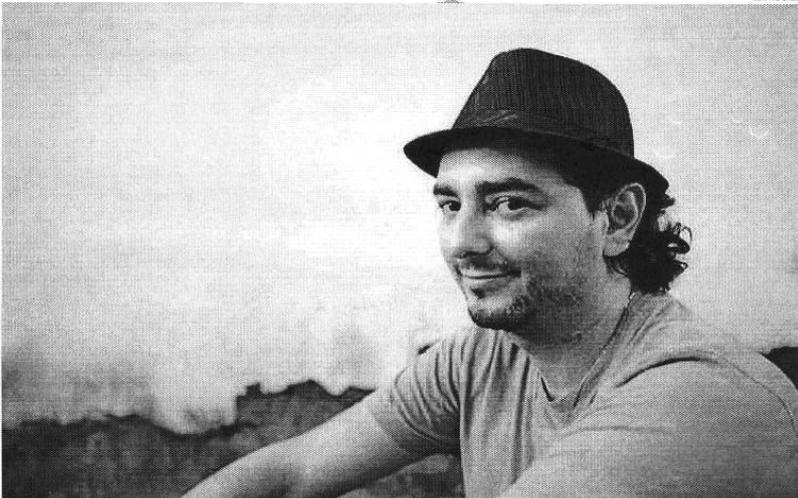
Documentário e radioconto sobre cultura cigana em MT serão lançados em Cuiabá.

Amanhã, dia 24 de maio (terça-feira), comemora-se no Brasil o Dia Nacional dos Ciganos, pelo oitavo ano consecutivo, desde que foi decretado em 2004 pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E para comemorar a data, serão lançados em Cuiabá dois produtos culturais baseados num grupo desta etnia que vive e circula em Mato Grosso há mais de 50 anos. Trata-se do vídeo documentário “E Kalon – Olhares Ciganos” (35 minutos) e o radioconto “Contos Ciganos - A Roda de Fogo e o Desafio da Princesa” (15 minutos).

Ambos foram idealizados pela cigana kalin e professora da rede estadual de ensino, Irani Rodrigues Silva e o seu filho, o jornalista cigano Aluizio de Azevedo Silva Júnior. O vídeo tem patrocínio do Fundo Estadual de Cultura de Mato Grosso (FEC-MT) e o radioconto foi vencedor do edital Nossa Onda, do Ministério da Cultura (Minic).

O evento de lançamento ocorre às 20h, no Pavilhão das Artes (Palácio da Instrução), centro de Cuiabá. Com entrada gratuita, faz parte da programação do aniversário de 263 anos de Mato Grosso (09 de maio), que perfaz todo o mês de maio e visa mostrar as várias faces e grupos étnicos que formam a cultura do Estado.

Por meio de olhares e narrativas de um grupo formado por pessoas que se autodenominam ciganos, o material audiovisual levará quem for conferir a exibição à viajar por um universo diferente, mas contemporâneo, onde identidades culturais se cruzam nos dias de hoje. Mistérios desta etnia milenar são tocados nos relatos dos Kalon e emergem no vídeo de forma que desvela mitos e



Uma população invisível

No Dia Nacional do Cigano, comemorado ontem no país, um olhar mais a miúdo revela que para a maioria dos brasileiros eles ainda são um "povo invisível" – assim definem estudiosos do tema, representantes do governo e os próprios ciganos.

Aliás, as minorias no Brasil, ou os que se enquadram com problemas sociais, são tratadas dessa forma, sem qualquer política de inclusão social e formação adequada.

Apesar de viverem no país desde o século 16, os ciganos ainda são uma parcela da população pouco conhecida pelos brasileiros e até mesmo pelo poder público. Faltam informações oficiais precisas sobre o número de ciganos que vivem no território nacional. As estimativas variam de 800 mil – a mais adotada por órgãos do governo e entidades não-governamentais – a até 1,2 milhão de pessoas.

De acordo com o diretor executivo da Pastoral dos Nômades, padre Wallace Zanon, os ciganos ainda não têm seus direitos respeitados.

Descaso é a palavra encontrada por eles mesmos, quando analisam a forma como são tratados no Brasil. Para a pre-

sidente da Associação Cigana das Etnias Calons do Distrito Federal e Entorno, Marlete Queiroz, há descaso tanto da sociedade quanto do governo. "Os ciganos fazem parte de um Brasil invisível", diz.

O desconhecimento acaba levando à discriminação em relação a esses povos, tratados, muitas vezes, como ladrões e vagabundos. Um dos exemplos do preconceito está guardado no arquivo histórico do Senado Federal: o Decreto 3.010, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1938, um ano após a instalação do Estado Novo. A norma restringia a entrada de estrangeiros no país e impedia que "indigentes, vagabundos, ciganos e congêneres" ingressassem em território brasileiro. Um absoluto desconhecimento de sua cultura, história e tradição.

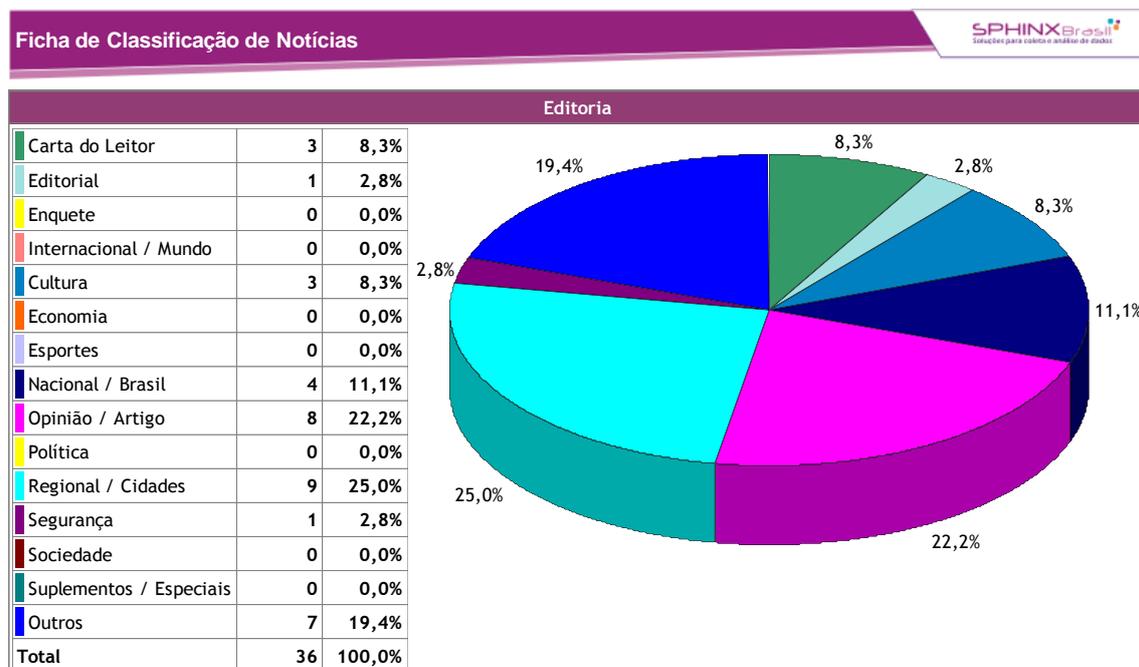
No Brasil, atualmente, predominam três etnias ciganas: os Rom (vindos da ex-Iugoslávia, Sérvia e de outros países do Leste Europeu), os Calom (que vieram da Espanha e de Portugal) e os Sintí (vindos da Alemanha, Itália e França).

A semana é uma boa oportunidade para repensar valores e cuidar para que essa invisibilidade seja cometida por toda a sociedade.

5.4 Resumo da análise da cobertura dos jornais

Editoria

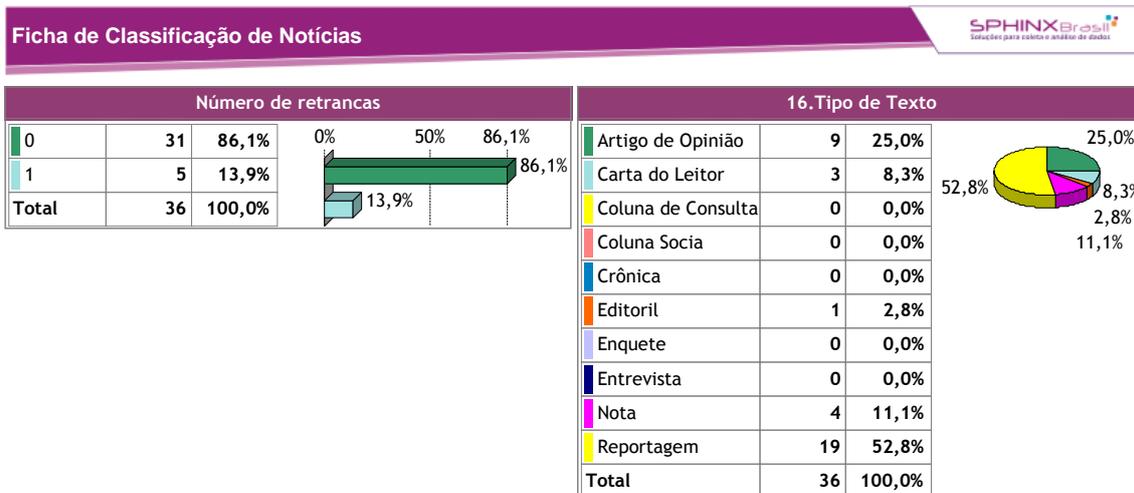
Figura 13 Gráfico Sphinx



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Tipos de textos

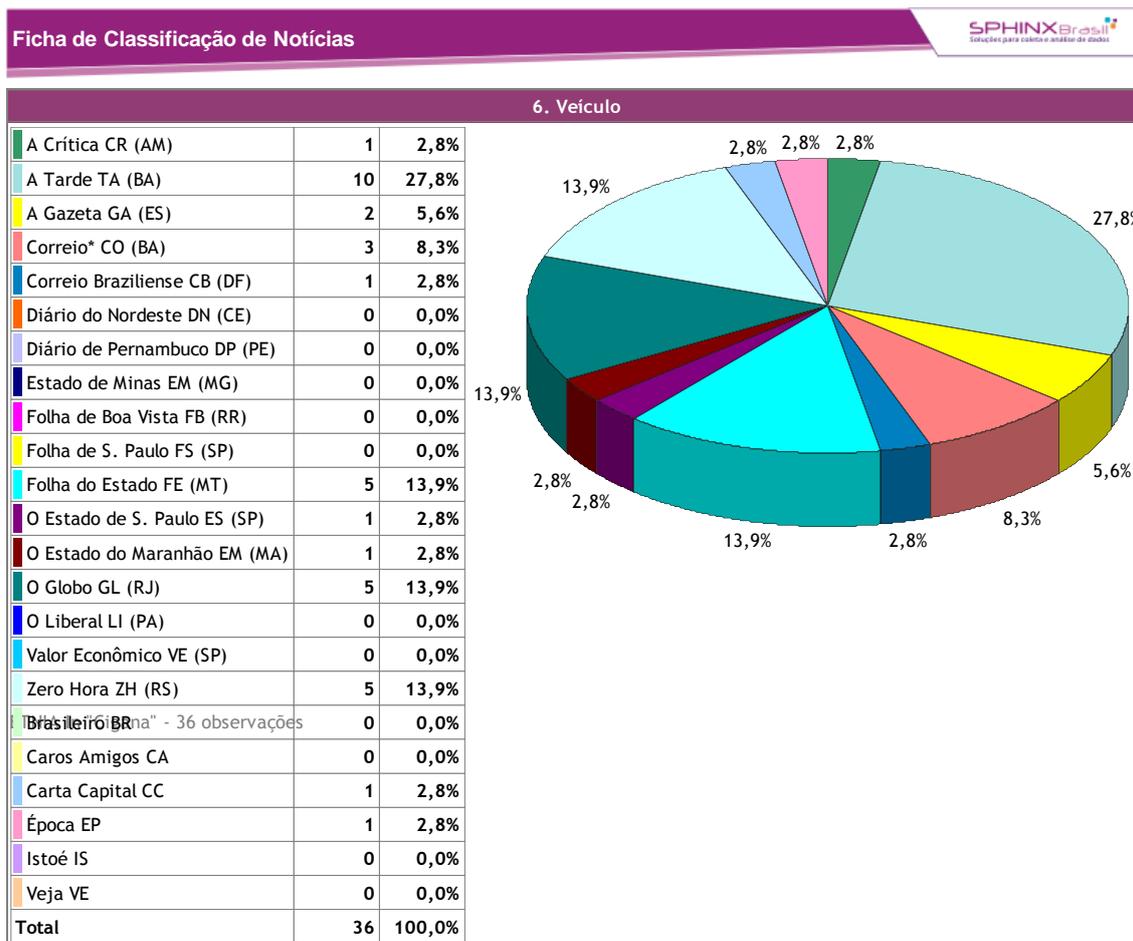
Figura 14 Gráfico Sphinx



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

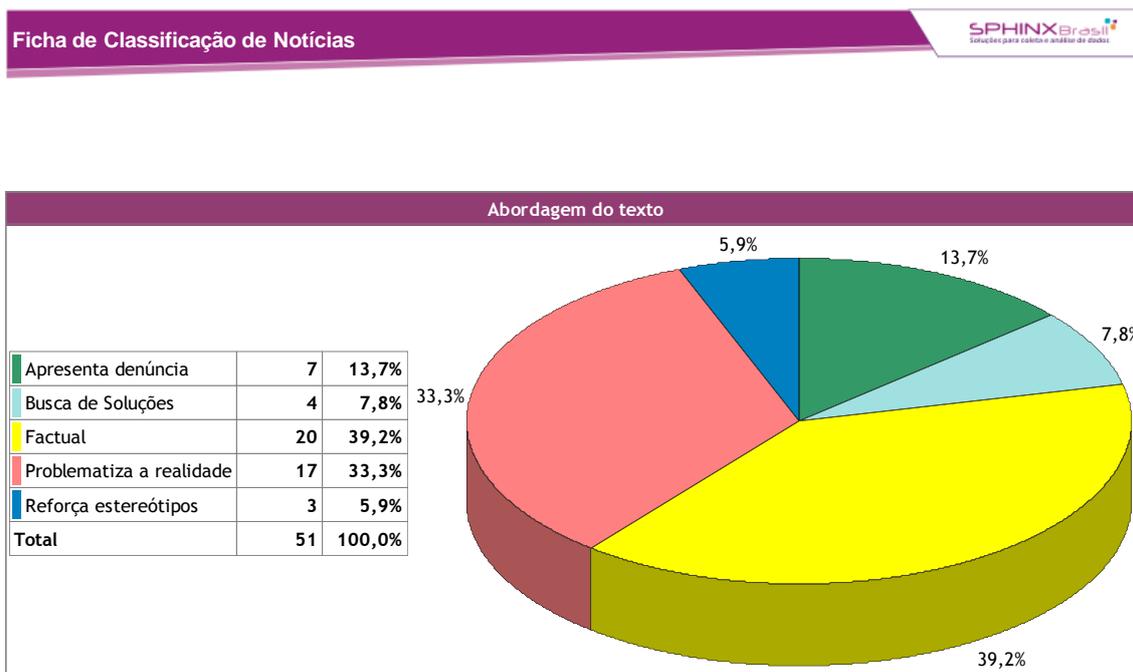
Veículos

Figura 14 Gráfico Sphinxs



Temas e abordagens

Figura 15 Gráfico Sphinxs



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Principais temas abordados:

- **Violência**

São as páginas destinadas aos ciganos, onde eles majoritariamente apareceram. E aqui acontece um fenômeno interessante, se no caso dos negros e índios eles são as vítimas quando aparecem nestas reportagens, os ciganos são os algozes aqui. E mesmo quando é a vítima da vez, o jornal faz questão de justificar.

- **Estudos/Pesquisas**

Enquadram-se nesse tema os textos publicados pelo jornal A Tarde, logo após a realização do I Seminário Faces do Brasil, em maio de 2011, para apresentação dos resultados parciais da pesquisa, onde o A Tarde – o que se confirmou mais tarde aparecia como o veículo que mais publicava sobre as etnias pesquisadas. Lembramos que a discussão não girava em torno das questões dos negros, índios ou ciganos, mas sobre o destaque que o diário tivera ainda nessa avaliação parcial.

Outro veículo mais engajado com a cobertura sobre os povos ciganos é a Folha do Estado – MT que publicou duas matérias sobre a cultura cigana, inclusive foi o único que em 2011 lembrou-se do dia 24 de maio, como dia nacional do cigano. Mas em 2012, não publicou nada referente a data.

- **Políticas/Direitos**

- **Dia do cigano**

O dia do cigano foi recordado por duas vezes e por jornais diferentes, nesses 19 meses de monitoramento, foram dois 24 de maio. Ao contrário do que acontece com datas comemorativas, por exemplo, o Dia da Consciência Negra que funciona como um disparador para a produção de matérias sobre a população negra, não ocorre com os ciganos.

- **Termo “cigano”**

A pauta aqui esteve voltada para a ação do Ministério Público Federal de Minas Gerais contra o dicionário Houaiss. O caso teve repercussão nacional e destaque na opinião pública, foi um dos poucos casos que geraram discussões acerca do que é o ser cigano. Não por acaso algumas discussões foram fomentadas por empresas que tinham interesse econômico na ação do MPF-MG. É o caso, por exemplo, das Organizações Globo, que edita a revista Época e o

diário O Globo, e por sua vez é dona da editora responsável pela edição do Houaiss em questão.

- **Racismo/discriminação**

Aqui o termo cigano aparece por acaso nos jornais. Ao falar sobre o racismo ainda presente na sociedade brasileira, cita-se o termo para falar das supostas vítimas de racismo e preconceito. Destaque para o jornal A Tarde, que após a realização do I Seminário da Pesquisa Faces do Brasil em maio de 2011, passou a publicar textos que abarcava a temática cigana, sem muita expressão ou continuidade do trabalho de reparação.

Tabela dos textos publicados pelos jornais aqui analisados:

Figura 16

Veículo/Data	Tema	Fontes	Tipo de Texto	Editoria
A Tarde – 19/06/2011	A luta da população cigana para ser considerada parte da sociedade de fato	Gilson Dantas Cruz e Jucelho Dantas Cruz, ciganos e Marcio Estevam, ciganólogo	Reportagem	Regional/local
A Tarde – 15/12/2011	Cultura – Lançamento de livro com fotografia de comunidades ciganas da Bahia	Rogério Ferrari, fotógrafo autor do livro	Notícia	Cultura
A Tarde – 26/12/2011	Assassinato de uma idosa para vingar a morte de um amigo.	Babá do filho da vítima	Notícia	Segurança
A Tarde – 02/03/2012	Briga entre ciganos e moradores do bairro Mangabeiras em Feira de Santana acaba em morte.	Rosana de Jesus, testemunha e vítima	Notícia	Segurança
A Tarde – 04/06/2012	Polícia procura cigano acusado de matar uma pessoa e baleiar outra.	Polícia	Notícia	Segurança
Correio* – 04/06/2012	População ataca acampamento após cigano matar dono de lava-jato	Edvaldo Maia e Carlos Antônio Oliveira parentes da vítima	Notícia	Regional/local
Correio* – 15/01/2012	Assassinato de cigano	Site Acorda Cidade	Nota	Regional/local
Correio* – 15/12/2011	Fotógrafo lança livro com fotografias de comunidades ciganas	-	Nota	Cultura
Folha do Estado – 23/05/2011	Lançamento de dois produtos audiovisuais no dia do cigano	Irândi Rodrigues Silva, cigana	Reportagem	Regional/local
Folha do Estado – 25/05/2011	Falta de políticas públicas no país para os povos ciganos	Elias Alves da Costa, líder de acampamento cigano e Ivonete Carvalho da Seppir	Notícia	Regional/local
Folha do Estado – 25/05/2011	Editorial da ideia dos ciganos como "povo invisível" e o descaso no tratamento desses grupos	-	Editorial	Opinião

Veículo/Data	Tema	Fontes	Tipo de Texto	Editoria
O Globo – 28/02/2012	Ação do MPF/MG para retirar dicionário Houaiss de circulação, por conta de expressões pejorativas na definição do termo cigano.	Cléber Eustáquio Neves, procurador do MPF/MG	Notícia	Nacional
O Globo – 01/03/2012	Leitor comenta ação do MPF/MG contra o Houaiss	-	Carta do Leitor	Nacional
O Globo – 01/03/2012	Leitor comenta ação do MPF/MG contra o Houaiss	-	Carta do Leitor	Nacional
O Globo – 08/05/2012	Informativo sobre festa no parque Garota de Ipanema no Rio, no dia 24 de maio, dia nacional do cigano	-	Nota	Regional/local
Época – 12/03/2012		-	Artigo	Opinião
Zero Hora – 03/02/2012	Autor fala da falta de bom senso do MPF/MG ao entrar com ação contra Houaiss	-	Artigo	Opinião
Zero Hora – 28/02/2012	Ação do MPF/MG pede retirada do Houaiss de circulação	-	Nota	Regional/local
Zero Hora – 09/02/2011	Mãe assassina bebê e põe culpa em cigana	Rudymar de Freitas Rosales, delegado	Notícia	Regional/local
Zero Hora – 10/02/2011	Lendas urbanas, ligadas ao homem do saco, ciganos entre outros	-	Artigo	Opinião
Zero Hora – 04/03/2012	Jornal fala da tentativa de censura ao dicionário Houaiss	-	Editorial	Opinião
A Gazeta – 09/10/2011	Crianças de comunidade cigana serão batizada na Igreja Católica de Colotina	Padre Adelson	Notícia	Regional/local
A Gazeta – 11/03/2012	Nota sobre a ação do MPF contra o Houaiss	-	Nota	Opinião

A partir da análise dos textos aqui dispostos percebemos a invisibilidade dos povos ciganos nos nossos jornais impressos que circulam por todo o país. Diante deste fato

sugerimos algumas considerações parciais a cerca da cobertura dispensada aos ciganos brasileiros:

- Há um total desconhecimento da mídia, ou preguiça no processo de apuração, em relação aos clãs ciganos, segundo estudiosos temos três etnias ciganas predominantes no país, os Kalóns, os Sintis e os Roms;
- Nem todos os ciganos são nômades, como se pensa, essa cultura do nomadismo predomina ainda nos ciganos da etnia Rom. Os Kalóns e Sinti são sedentários ou semi-sedentários;
- Pautar só fatos ligados à violência só contribui para a manutenção dos estereótipos ligados as comunidades ciganas;
- Para uma cobertura minimamente coerente, em relação aos ciganos, passa pelo conhecimento de quem são essas pessoas. Porque sempre que se fala dos índios, identificamos a sua origem/etnia, não adotamos tal postura para os ciganos por falta de conhecimento.

6 Considerações Finais

O objetivo deste trabalho é falar da representação dos ciganos na mídia em geral, especificamente na imprensa. A preocupação é com a falta de diversidade no tratamento que a mídia tem com as minorias que compõem a sociedade. É verdade que a sociedade brasileira ignora a realidade das comunidades ciganas, mas é um dos papéis da mídia é fomentar o debate em torno das questões sociais e promover a diversidade étnico-cultural.

Falamos aqui de uma visibilidade que na prática não existe, por isso a grafia do termo (in)visibilidade entre aspas. Entendemos que as notícias sobre os ciganos mais contribuem com a manutenção dessa invisibilidade que para mudar esse cenário. Percebemos que os textos tratam esses povos como se eles não fizessem parte da sociedade brasileira, esses povos que aqui estão desde a época da colonização.

O jornalismo ao invés de contribuir para a perpetuação dos estereótipos ligados aos povos ciganos, poderia investigar e buscar conhecer mais a história desses povos, e sair em busca de maior contextualização para diminuir os preconceitos ligados a esses povos.

Se no século XVIII, a sociedade brasileira em vias de urbanização e modernização promoveu e bancou as correrias ciganas, em cidades que se desenvolviam por conta da mineração, na tentativa de expulsar esses povos das cidades, pois eles eram malquistos. Hoje, a sociedade promove uma correria simbólica, ao não reconhecer os povos ciganos como povos constituintes da sociedade brasileira, sem conhecer as contribuições culturais dos ciganos na nossa cultura geral.

Essa violência está presente nas páginas dos nossos periódicos, na tela dos nossos telejornais, no cenário midiático os ciganos ainda são tratados como eram desde que chegaram aqui no Brasil. Mudou a natureza da violência, que hoje é simbólica e gira em torno da estereotipação e o preconceito, discriminação.

Os ciganos são tratados ainda como vagabundos, estelionatários e agiotas. A pauta da mídia gira em torno desses assuntos. Cigano mata, cigano morre, e os motivos quase sempre são cobranças de dívidas. Fala-se muito dos ciganos que se inserem em regiões pobres, e agem como agiotas, emprestando dinheiro a juros altíssimos, e quando não são pagos acabam

até mesmo tirando a vida delas. No entanto, não há nenhuma linha na cena em relação a usura dos banqueiros com a sociedade no geral, tendo em vista os altos juros que cobram tanto no cartão de crédito, quanto nos empréstimos.

Os ciganos são sempre referidos assim, como se todos os ciganos pertencesse a uma mesma família, ou um mesmo grupo. Como se todos agissem igual. Os jornais não fazem nenhum esforço, nenhum investimento para distinguir-lhes, para diferenciar-lhes. Quando se fala dos índios, logo em seguida diz-se a que família, etnia pertence tal índio. Pode-se alegar que em se tratando dos índios seja mais fácil fazer essa diferenciação, pois o estado brasileiro investiu na identificação dos grupos indígenas que habitam o Brasil. Com os povos ciganos é diferente. Só agora começamos a ter ideia dos diferentes grupos de ciganos que vivem neste país, de como são próximos e distantes ao mesmo tempo.

O IBGE já começou com a definição do que é ser cigano, a qual grupo pertencem, cabe aos jornalistas agora correr a atrás e buscar definir o perfil do cigano fonte ou personagem das matérias. Não podemos continuar contribuindo com essa (in)visibilidade, repleta de definições preconceituosas e generalistas. Não conhecemos quem são os ciganos, apesar de achar que sabemos quem são e como vivem. Se perguntar pra qualquer pessoa sobre ciganos este vai logo responder, baseado nos estereótipos que persegue os ciganos há séculos, no caso do Brasil desde que aqui chegaram em 1574.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDÉ, Alessandra et al. **Critérios jornalísticos de noticiabilidade**: discurso ético e rotina produtiva. Alceu. Rio de Janeiro. v.5, n.10.p.186-200, jan./jun.2005. Disponível em: http://publique.rdc.puc.-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_alde.pdf. Acesso m: 14 abr. 2007.

ARBEX, J. J. **Uma outra Comunicação é Possível** In: MORAES, Dênis de. (org.). Por uma outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.385-400

BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças**: negros e brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica**: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 189-217. 001.891 P474 7. ed.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. **A construção do corpus**: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 39-63.

BOURDIEU, Pierre. **O espaço dos pontos de vista**. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo, Jaime A. Clasen, Sérgio H. de

Freitas Guimarães, Marcus Antunes Penchel, Guilherme J. de Freitas Teixeira, Jairo Veloso Vargas. 5.ed. Petrópolis , RJ: Vozes, 2003. p.11-13.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso: Notas sobre Jornalismo e Representações Sociais**. LabCom, 2009.

CORREIA, João Carlos. **O admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos**. LabCom, 2011.

ESPINHEIRA, Gey. **Proximidade e intolerância**. In: _____(Org.). Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 2004. p. 176-203.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005b. 321.01 F762 21.ed.

GALTUNG, Johan, RUGE, Mary Holmboe (1993), “**A Estrutura do Noticiário Estrangeiro**” in Traquina, Nelson (1993), **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**, Lisboa, Vega.

MARTINS, Gilberto de Andrade; LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2010.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de cadastramento de grupos: populacionais, tradicionais e específicos: cadastro único para programas sociais**. Brasília, 2012.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais e seu legado teórico**. Tradução de Adelaine la Guardia Resende, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger, Ana Carolina Escosteguy, Sayonara Amaral. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: **Representação da Unesco no Brasil**, 2003.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o mugging nos media. Tradução de Nelson Traquina. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993. p. 224-248.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia, 4ª, Rio de Janeiro, ed. UFRJ, 2005.

MOONEN, F. 1993. **Ciganos Calon no sertão da Paraíba, Brasil, João Pessoa**: PR/PB (1994 em Cadernos de Ciências Sociais 32, João Pessoa: MCS/UFPB)

-- 1996. “**A História esquecida dos Ciganos no Brasil**”, Saeculum: Revista de História, João Pessoa, UFPB, no. 2, pp. 123-138.

2008a. [2011a] **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil, Recife [www.dhnet.org.br]

-- 2008b. [2011b] **Ciganos Calon no sertão da Paraíba**: 1993 e 2000, Recife [www.dhnet.org.br]

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
_____. **Sobre as Representações Sociais**. Núcleo de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina: Mimeo, 1985.

PENA, Sérgio Danilo. **Os múltiplos significados da palavra raça**. Folha de São Paulo, São Paulo, dez. 2002. Disponível em:

http://publicações.gene.com.br/Imprensa_genealogiaOs%20m%C3%BAltiplos%20significados%20da%20palavra%20ra%C3%A7a@Folha%20de%20S%C3%A3o%20Paulo@21-12-2002_arquivos/fz2112200209

SANTOS, José Raimundo de. **Subúrbio Ferroviário**: um lugar marginal. In.ESPINHEIRA, Gey (Org.). Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 2004. p. 158-175.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Universidade Presbiteriana Mackenzie. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. **Manual de Monografia** / Universidade Presbiteriana Mackenzie. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA); organização Roberta Muramatsu, José Caio Racy; Paulo Rogério Scarano; colaboração Mônica Yukie Kuwahara. - ed. rev. e atual. - São Paulo, 2011.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil.

Petrópolis: Vozes, 1999.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife – Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador – EDUFBA, 2008.

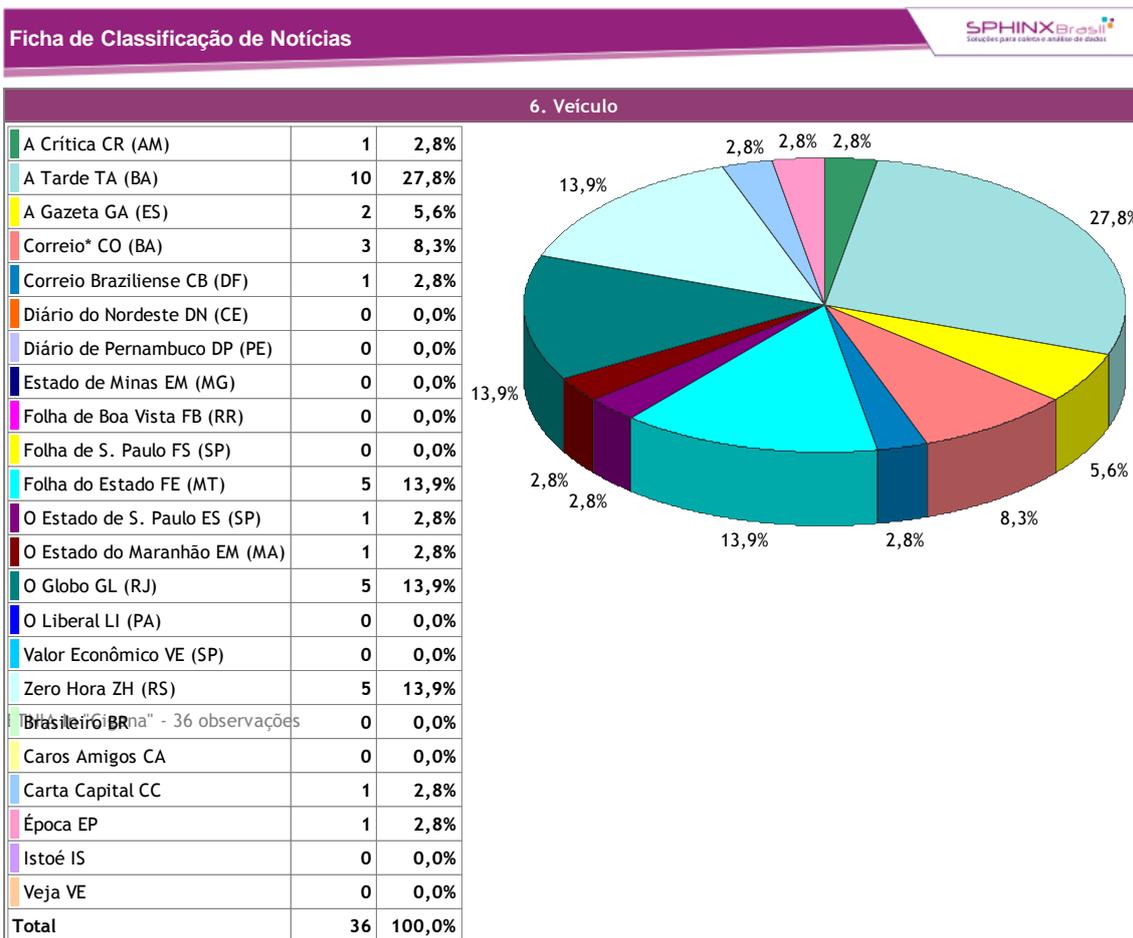
http://www.sociologia.ufsc.br/npms/silvia_simoes.pdf acesso em 13 de novembro de 2012

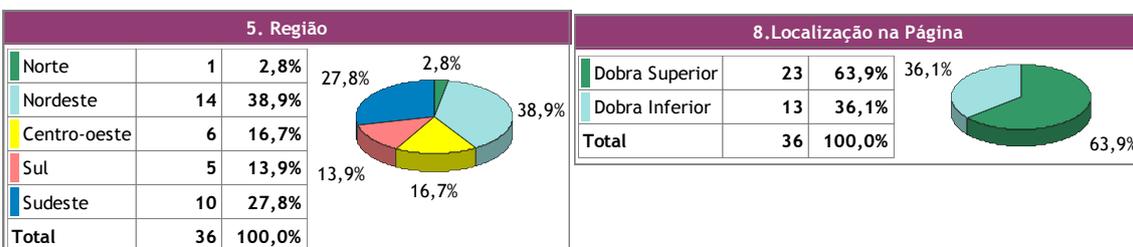
8 Anexos

8.1 Gráficos Sphinxs

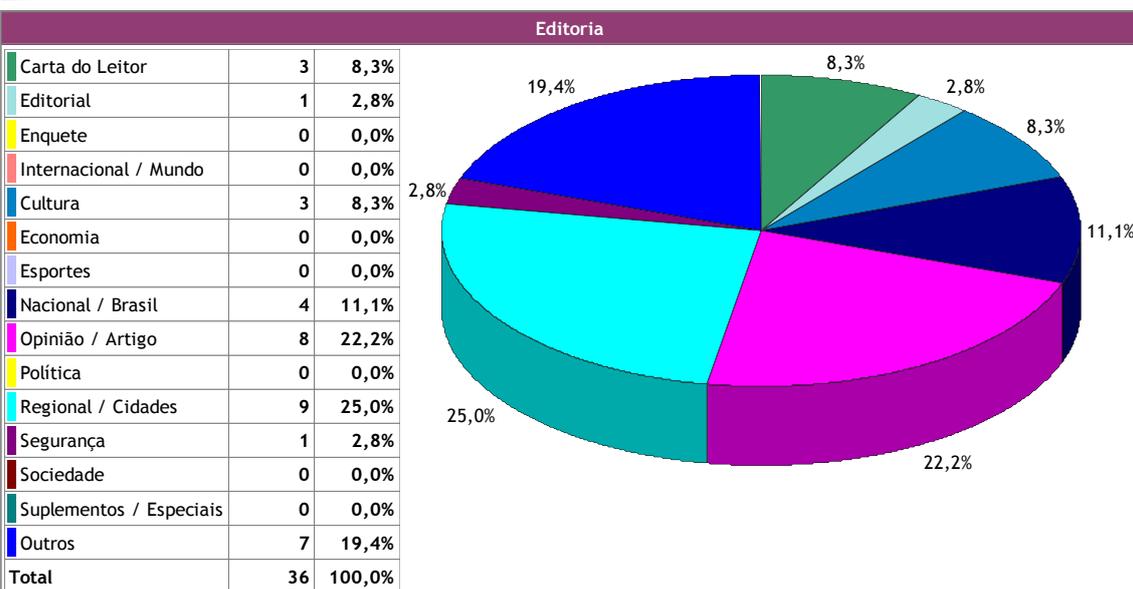
O questionário utilizado no monitoramento da pesquisa Faces do Brasil pontuava outras questões, entretanto, a observação dos números nos gráficos facilita a compreensão da

cobertura indígena feita pela imprensa escrita nacional. São 16 gráficos que contemplam todas as 83 questões a que foram submetidos os textos encontrados na leitura dos veículos.



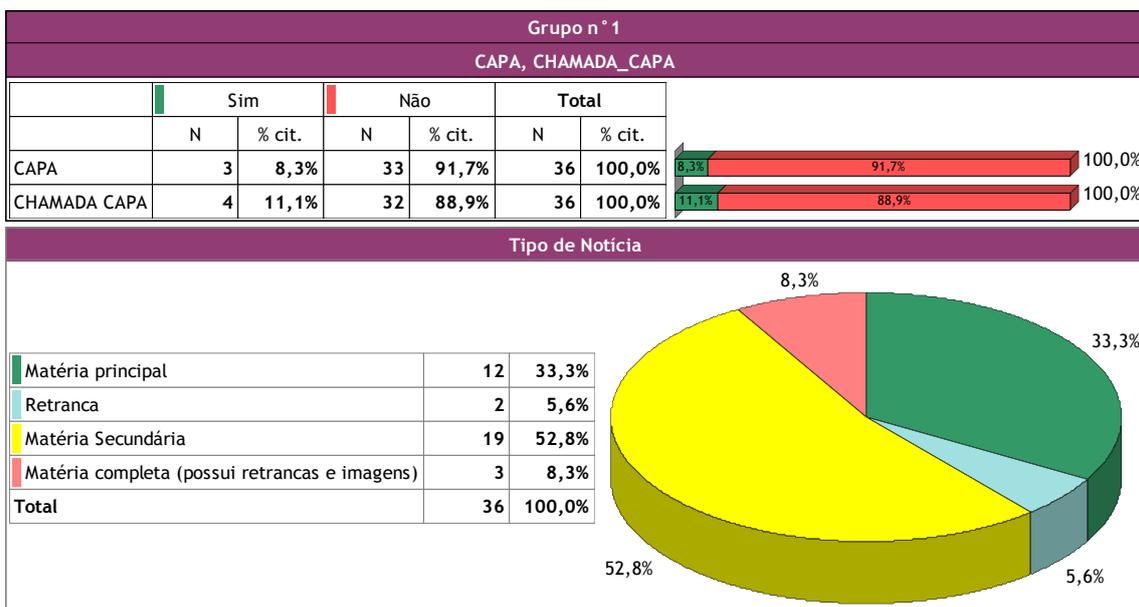


ETNIA In "Cigana" - 36 observações



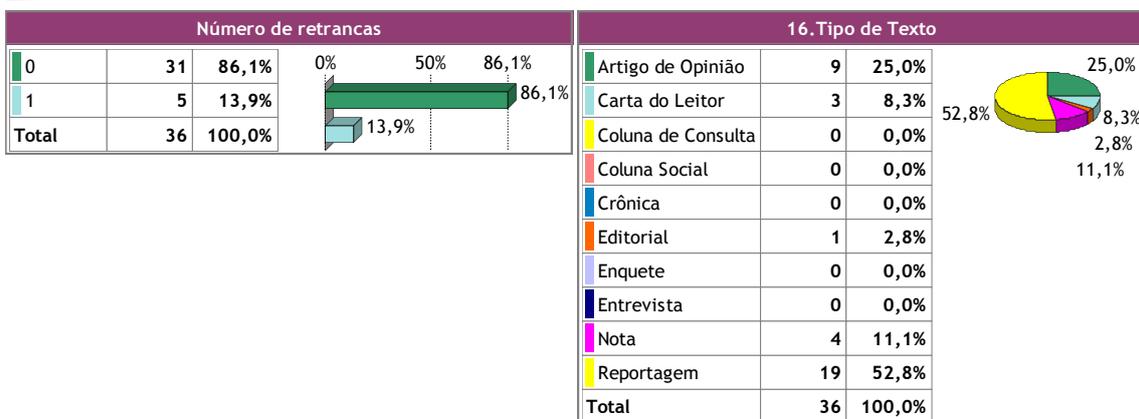
ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Ficha de Classificação de Notícias

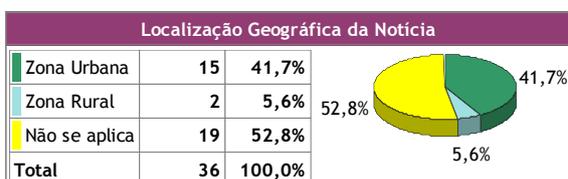
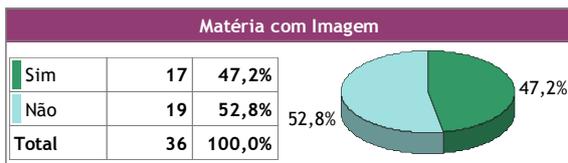


ETNIA In "Cigana" - 36 observações

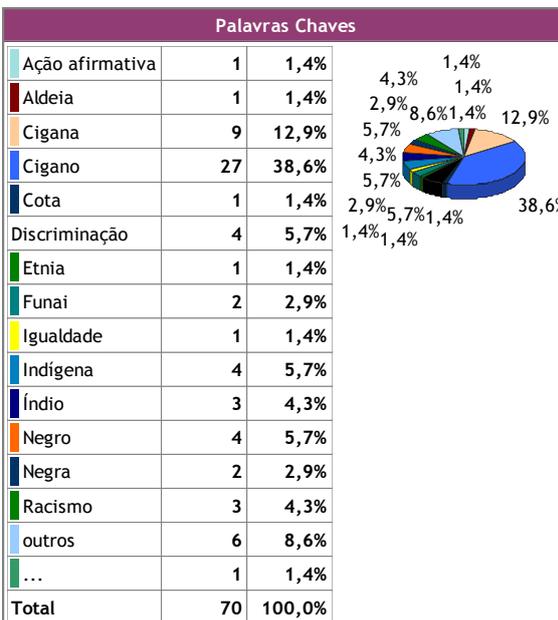
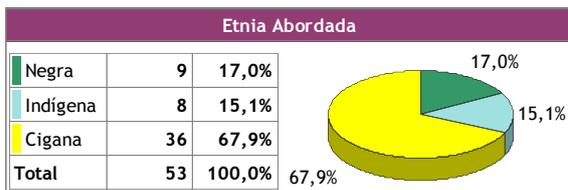
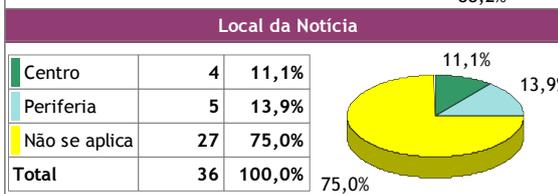
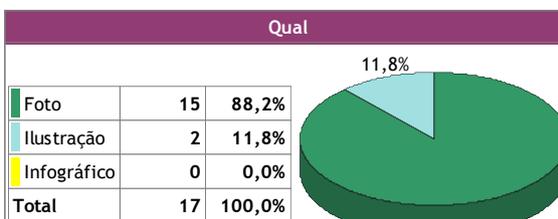
Ficha de Classificação de Notícias



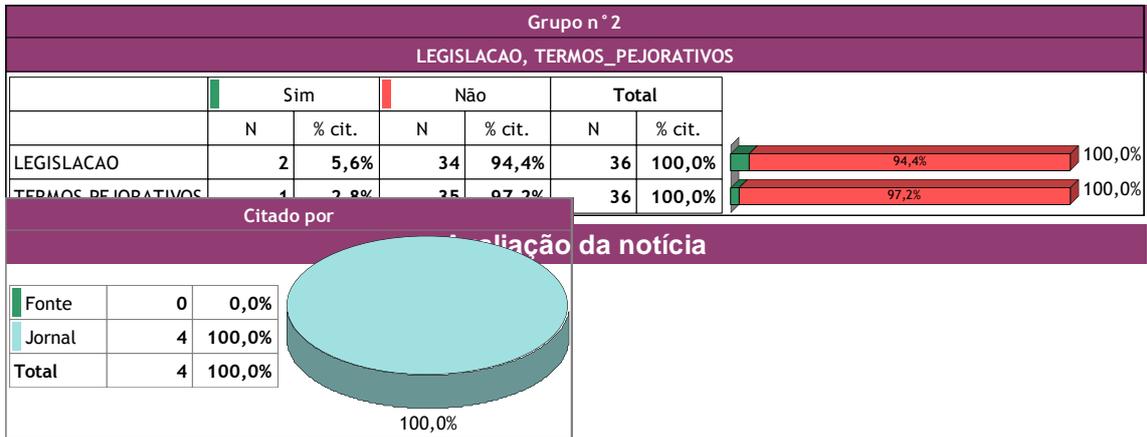
ETNIA In "Cigana" - 36 observações



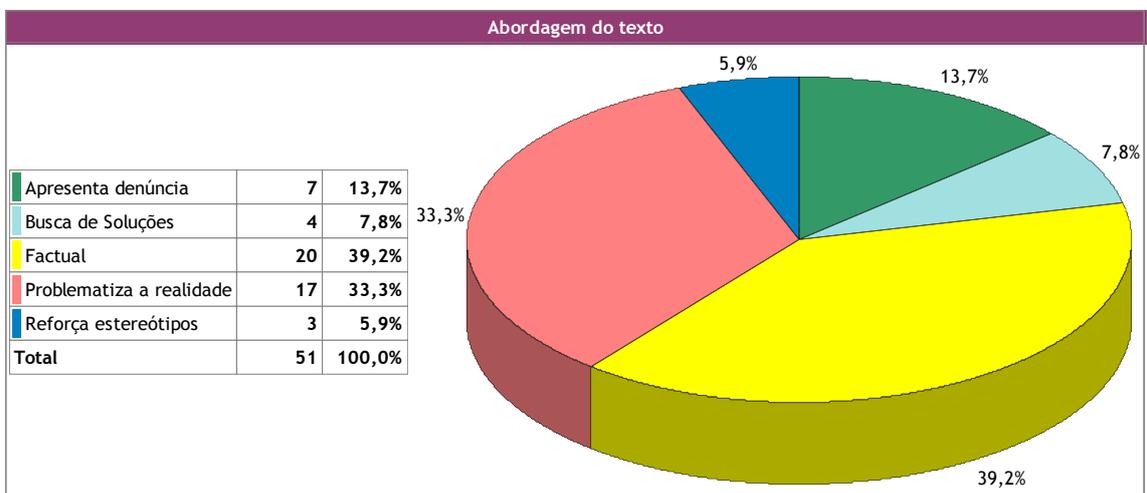
ETNIA In "Cigana" - 36 observações



ETNIA In "Cigana" - 36 observações



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

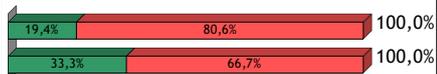


ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Grupo n° 3

POLITICAS_PUBLICAS, PERSONAGENS

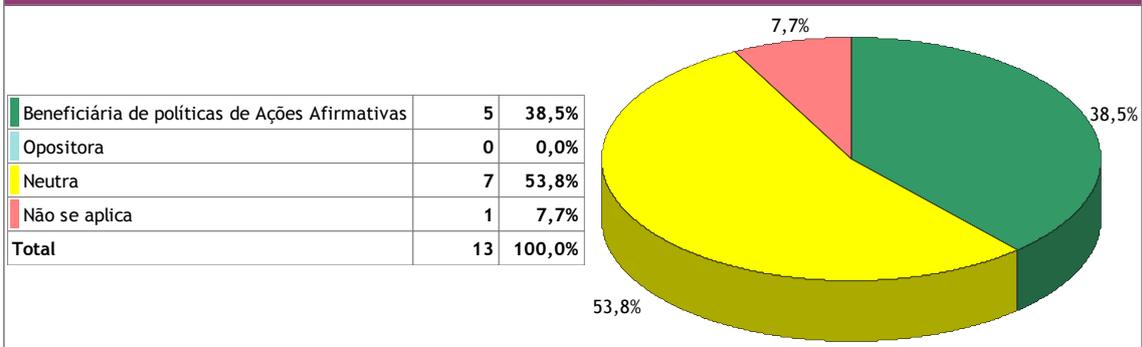
	Sim		Não		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
POLITICAS PUBLICAS	7	19,4%	29	80,6%	36	100,0%
PERSONAGENS	12	33,3%	24	66,7%	36	100,0%



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Fontes Ouvidas

Se 'Sim', defina a posição:



ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Ficha de Classificação de Notícias

Grupo n° 4

FONTE_IDENTIFICAVEL, FONTES, EXECUTIVO_FEDERAL, EXECUTIVO_ESTADUAL, EXECUTIVO_MUNICIPAL, ORGAOS_AUXILIARES, LEGISLATIVO_FEDERAL, ORGAOS_AUX_LEGISL_FED, LEGISLATIVO_ESTADUAL, ORGAOS_AUX_LEGIS_EST, LEGISLATIVO_MUNICIPAL, ORGAOS_LEGIS_MUNIC, PODER_JUDICIARIO

	Sim		Não		Total			
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.		
FONTE IDENTIFICAVEL	18	50,0%	18	50,0%	36	100,0%		100,0%
FONTES	18	50,0%	18	50,0%	36	100,0%		100,0%
EXECUTIVO FEDERAL	1	2,8%	35	97,2%	36	100,0%		100,0%
EXECUTIVO ESTADUAL	4	11,1%	32	88,9%	36	100,0%		100,0%
EXECUTIVO MUNICIPAL	0	0,0%	35	100,0%	35	100,0%		100,0%
ORGAOS AUXILIARES	3	8,3%	33	91,7%	36	100,0%		100,0%
LEGISLATIVO FEDERAL	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
ORGAOS AUX LEGISL FED	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
LEGISLATIVO ESTADUAL	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
ORGAOS AUX LEGIS EST	1	2,8%	35	97,2%	36	100,0%		100,0%
LEGISLATIVO MUNICIPAL	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
ORGAOS LEGIS MUNIC	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
PODER JUDICIARIO	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%

Ficha de Classificação de Notícias

Se 'Sim', defina:

1ª Instância	0	
2ª Instância	0	
3ª Instância	0	
Total	0	

Se '3ª Instância', defina:

STJ	0	
STF	0	
Outros	0	
Total	0	

Grupo n° 5

PARTIDOS_CANDIDATOS, INSTITUICAO_RELIGIOSA, EMPRESAS

	Sim		Não		Total			
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.		
PARTIDOS CANDIDATOS	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%
INSTITUICAO RELIGIOSA	1	2,8%	35	97,2%	36	100,0%		100,0%
EMPRESAS	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%		100,0%

ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Ficha de Classificação de Notícias

Se 'Sim', defina:

Privada	0
Pública	0
Mista	0
Total	0

Grupo n° 6

MINISTERIO_PUBLICO, UNIVERSIDADE, SINDICATOS, FUNDACOES, ONGS_ASSOCIACOES, ORG_INTERNACIONAIS, FONTES_ESTATISTICAS

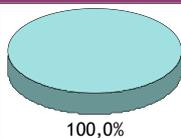
	Sim		Não		Total		
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	
MINISTERIO PUBLICO	3	8,3%	33	91,7%	36	100,0%	
UNIVERSIDADE	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%	
SINDICATOS	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%	
FUNDACOES	2	5,6%	34	94,4%	36	100,0%	
ONGS ASSOCIACOES	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%	
ORG INTERNACIONAIS	0	0,0%	36	100,0%	36	100,0%	
FONTES ESTATISTICAS	2	5,6%	34	94,4%	36	100,0%	

ETNIA In "Cigana" - 36 observações

Ficha de Classificação de Notícias

Se 'Sim', defina:

Setor Privado	0	0,0%
Setor Público	2	100,0%
Universidades	0	0,0%
Institutos de Pesquisa	0	0,0%
Outros	0	0,0%
Total	2	100,0%



Grupo n° 7

ESPECIALISTA, MIDIA

	Sim		Não		Total		
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.	
ESPECIALISTA	4	11,1%	32	88,9%	36	100,0%	
MIDIA	1	2,8%	35	97,2%	36	100,0%	

ETNIA In "Cigana" - 36 observações